



Fumaça branca

O que se espera do novo Papa?

INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>O perfil do novo Papa...</i>	3
<i>Um pontificado aberto ao exterior e fechado ao interior da Igreja.....</i>	5
Entrevista com Paul Valadier	5
<i>Os desafios da Igreja no século XXI</i>	7
Entrevista com Aloísio Lorscheider.....	7
<i>Queria uma igreja semelhante à igreja anterior ao Concílio Vaticano II</i>	12
Entrevista com teólogo estadunidense	12
<i>O próximo pontificado será um tempo de transição significativo.....</i>	15
Entrevista com Dom Pedro Casaldáliga	15
<i>Uma maior flexibilidade dogmática e ritual.....</i>	18
Entrevista com Walter Altmann	18
<i>O coração da matéria.....</i>	20
Por Boaventura de Sousa Santos	20
<i>A Igreja precisa de quatro pontífices</i>	22
Por Juan Arias.....	22
DESTAQUES DA SEMANA	23

LIVRO DA SEMANA	23
<i>A la sombra de la ilustración</i> , de Régis Debray e Jean Bricmont. Barcelona: Paidós, 2004, 168 páginas.....	23
<i>Dos deuses e do mundo</i>	23
ENTREVISTA DA SEMANA	25
<i>Vida e morte, uma questão de dignidade</i>	25
Entrevista com Leo Pessini.....	25
ARTIGO DA SEMANA.....	30
<i>A fé entre dois mundos</i>	30
Por Jurandir Freire Costa	30
ANÁLISE DE CONJUNTURA	32
<i>O terceiro discurso</i>	32
Por Luiz Carlos Bresser Pereira	32
DEU NOS JORNAIS	34
FRASES DA SEMANA.....	37
EVENTOS IHU	38
ABRINDO O LIVRO	38
IHU IDÉIAS	41
Teologia do Diálogo Inter-Religioso.....	42
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS.....	42
CICLO DE ESTUDOS REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA.....	45
IHU TEM NOVO SÍTIO.....	45
TERRA HABITÁVEL DISCUTE ECONOMIA E ÉTICA	45
IHU REPÓRTER.....	46
LAURI MÜLLER.....	46
SALA DE LEITURA.....	48

EDITORIAL

Hoje, inicia o conclave que elegerá o Papa que guiará a Igreja Católica nos primórdios do século XXI.

Trata-se de um tema que, talvez, já saturou, nestas últimas semanas. Rádios, TV, revistas e jornais trataram à exaustão o tema. O próprio Instituto Humanitas Unisinos (IHU), seja nas páginas dos boletins das últimas duas semanas, seja na atualização diária da sua página www.unisinos.br/ihu, tem oferecido artigos, entrevistas e reportagens, buscando contribuir na reflexão crítica sobre o pontificado de João Paulo II e sobre os desafios que o novo pontífice terá que enfrentar.

No tema de capa desta semana, oferecemos outros elementos para análise e reflexão. Entrevistamos Paul Valadier, filósofo francês, um agudo observador da realidade do mundo e da Igreja, um teólogo jesuíta norte-americano, autor de uma importante obra teológica, traduzida em vários idiomas, mas que, devido ao ambiente eclesial não muito favorável, pede para não ser identificado, D. Aloísio Lorscheider que, com franqueza e

simplicidade franciscana, aborda questões cruciais da Igreja do século XXI e D. Pedro Casaldáliga, pastor, poeta e profeta. Também reproduzimos um artigo de Boaventura Santos e Juan Arias sobre o mesmo tema, além de uma breve, mas significativa, coleta de depoimentos de professores/as e alunos/as da Unisinos sobre o perfil do novo Papa. Um dado interessante: diferente de outros depoimentos que colhemos sobre outros temas, em boletins anteriores, quando muitas pessoas se negavam a responder, nesta semana todos/as responderam imediatamente e com muita convicção. O que significa isso?

*Nesta semana, no **Abrindo o livro**, será apresentado e debatido o livro **Origem das espécies**, de Charles Darwin pela Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner, professora no PPG de Filosofia da Unisinos. Uma entrevista com ela pode ser lida neste número.*

A todos e todas, um bom feriado de Tiradentes, uma ótima semana e uma excelente leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

O PERFIL DO NOVO PAPA...

IHU On-Line percorreu o câmpus da Unisinos para ouvir o que as pessoas esperam do novo Papa. Ao indicar as características que o sucessor de João Paulo II deve ter, a maioria dos entrevistados apontou a necessidade de mais modernidade e abertura para as questões do mundo e da sociedade atual. Confira a opinião de quem definiu qual seria o perfil ideal do novo líder da Igreja Católica.



“O novo Papa tem que ser uma pessoa que tenha as idéias mais modernas. Desejo que ele possa ver a mulher como mulher, que possa repensar a questão do celibato, do controle da natalidade, que tenha um espírito de paz dentro de si, e que possa pensar na Igreja para hoje. Também gostaria que fosse brasileiro ou latino-americano”.

Regina Urmersbach, 44 anos, professora na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos.



“É fundamental que o novo Papa continue o trabalho que já vinha sendo feito pelo padre que estava. O trabalho do Papa ainda é muito fechado em algumas questões. Quem entrar tem que ter um perfil que realmente transcenda essa questão da Igreja conservadora. Ele precisa ter o entendimento de uma relação globalizada, que pede um novo perfil para esse cargo. O novo Papa deve ter um respeito pela diferença, que a valorize, permitindo a discussão, o diálogo e a construção em conjunto. A missão da Igreja é manter o povo unido com fé. Para isso, vai ter que ter à sua frente uma pessoa com estrutura e peito para trabalhar bem a forte questão da Igreja conservadora”.

Juscelino Santos de Lima, 27 anos, formando em Pedagogia pela Unisinos.



“Espero que o próximo Papa seja um pouco mais moderno, porque este anterior foi um pouco tradicional. Também gostaria que ele mantivesse essa relação internacional com os outros países e que, ao mesmo tempo, consiga rever essas questões da reprodução, do planejamento familiar. Não espero mais do que isso, porque sei que não virá”.

Ana Maria Carvalho Metzler, 42 anos, aluna especial no Doutorado em Educação da Unisinos.



“O novo Papa tem que ser inovador, ter novas idéias, para chamar mais gente para a Igreja. Ela está muito apagada, muito séria. Um exemplo de inovação é o padre Marcelo Rossi, que animou a Igreja. Agora ele já está sumido de novo. Tinha que voltar esse tipo de atitude, porque chamou um grande público”.

Dariane Becker Peixoto, 17 anos, aluna no curso de Letras da Unisinos.



“Acho que o Papa que vai assumir agora tem que continuar o trabalho que foi feito até então, e abrir mais a Igreja, mostrar mais o que há escondido, liberar mais as riquezas da Igreja para a miséria que há no mundo. Ele tem que ser um homem aberto a todas as instituições. João Paulo II pegou a época da mídia e essa mídia foi quem o fez. O sucessor tem que aproveitar a mídia para continuar o trabalho”.

Jaime Raupp, 47 anos, proprietário da Locadora Tele Fita Vídeo, na Unisinos.



“Eu penso que o próximo Papa deve ser mais aberto para as questões do mundo. Eu não sou católico, mas espero um Papa mais liberal, que discuta a questão das células-tronco, que não só permita, mas incentive o uso da camisinha e demais métodos anticoncepcionais. Essa é uma questão de saúde pública. Quando se discute vida, podemos nos questionar quanta vida se perde por uma concepção que, para mim, é arcaica dentro da Igreja. O novo Papa deve colocar em questão o celibato dos padres e o sacerdócio das mulheres, para que elas possam celebrar missas também. Além de, é claro, como fez o outro Papa, continuar batalhando pela paz. Essa foi uma característica importante dele. Porém, para o meu gosto particular, ele era muito conservador. As pesquisas mostram que os “ditos” católicos não seguem uma grande parte das questões que a Igreja Católica preconiza. Tem que haver uma integração maior com a realidade das pessoas, até para atrair novos fiéis, que têm se direcionado para as religiões evangélicas”.

Heinrich Hans Christoph Krause, 56 anos, que presta serviços como professor de Português na Unisinos.



“Acho que o novo Papa deve ser moderno em relação às novidades que estão aparecendo, como a globalização. Ele não deve ser muito conservador. O antigo Papa até estava entrando na modernidade, mas ainda era muito conservador em relação aos métodos anticoncepcionais. Nesse caso, a Igreja deveria se atualizar um pouco. Deve ser um Papa bem atuante, que não fique muito só como um destaque lá em Roma, um Papa que faça algo realmente”.

Rômulo Edler, 22 anos, aluno do curso de Administração da Unisinos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

UM PONTIFICADO ABERTO AO EXTERIOR E FECHADO AO INTERIOR DA IGREJA

Entrevista com Paul Valadier

*Paul Valadier é jesuíta, doutor em Filosofia e em Teologia e professor de Filosofia Moral e Filosofia Política nas faculdades jesuítas de Paris - Centre Sèvres. Foi diretor da revista **Études** e atualmente é diretor da revista **Archives de Philosophie**. É autor de inúmeros livros traduzidos para diferentes idiomas: **La condition chrétienne, du monde sans en être**. Seuil, 2003. **L'Eglise en procès**. Flammarion, 2001; **Un christianisme d'avenir, Pour une nouvelle alliance entre raison et foi**. Seuil, 1999; **Jésus-Christ ou Dionysos, La foi chrétienne en confrontation avec Nietzsche**. Desclée, 1979; **Nietzsche et la Critique du christianisme**. Cerf, 1974. Traduções em português: **Elogio da Consciência**. Unisinos, 2000; **Moral em desordem**. Loyola, 2003; **A condição cristã**, Instituto Piaget, 2004. **IHU On-Line** entrevistou Valadier por e-mail.*

IHU On-Line — No dia 16 de outubro de 1978, o cardeal Felici, porta-voz do conclave, anunciou do balcão da Praça de São Pedro o nome de Karol Wojtyła, arcebispo de Cracóvia, sucessor de Pedro. Quais foram as grandes novidades desse pontificado?

Paul Valadier — As contribuições de João Paulo II à Igreja são numerosas e consideráveis. Ele, incontestavelmente, devolveu confiança aos fiéis, muitas vezes confundidos pela época moderna. Ele permitiu-lhes um certo orgulho de ser católico, como se vê particularmente no seu contato com os jovens. Isso graças a uma reafirmação corajosa da força e da pertinência da fé católica. Além disso, ele deu uma estatura mundial ao papado, e com isso à Igreja, permitindo, assim, um esplendor inédito da mensagem evangélica de fé e de esperança. Ele exerceu, portanto, um magistério universal por sua palavra e por sua presença um pouco em toda a parte no mundo, de uma forma que é sem igual no passado. Ele também mostrou, de vez, o caráter excepcional e único do papado num mundo marcado pela comunicação, nele ocupando um lugar de primeiro plano.

IHU On-Line — Como personagem carismático, João Paulo II expressou, com convicção, temas fundamentais como a fraternidade, a solidariedade, o amor a quem pertence a outra cultura, o amor ao inimigo, a necessidade da reconciliação. Contudo, teve muitos problemas com temas, como liberdade sexual, controle da natalidade, aborto, eutanásia, pesquisa com embriões, clonagem terapêutica e outros. Como entender esse quadro, quando vindo de uma mesma pessoa?

Paul Valadier — Os observadores não se enganam, sem dúvida, ao apontar duas vertentes no pontificado de João Paulo II. De um lado, tudo o que concerne à ação e ao engajamento em direção ao mundo: luta contra o comunismo, defesa dos direitos humanos, engajamento pela paz e a justiça, aproximação entre as grandes religiões, notadamente as relações com os judeus e o Estado de Israel, etc...; de outro lado, o que concerne à ação e ao engajamento "interno" da Igreja: ensinamento dogmático e moral, viagens diversas para encorajar as igrejas locais, nomeações episcopais, movimento ecumênico... Se, sob o primeiro aspecto, se tem o prazer de sublinhar a abertura do Papa e sua coragem, sob o segundo, ele é facilmente qualificado como conservador, e até mesmo imobilista. Trata-se, então, de dois homens sem comunicação um com o outro, ou seja, contraditórios? Não me parece, pois João Paulo II quis uma Igreja forte, estabelecida sobre as suas bases morais e dogmáticas, unida contra as dissensões e as correntes teológicas diversas, impondo uma visão única e uniforme, para que ela pudesse proclamar melhor a sua mensagem. Uma Igreja dividida ou vacilante, em seu

ponto de vista, não podia ter credibilidade. Tal era, assim me parece, a sua visão das coisas. Evidentemente, o Papa não parece ter tido sensibilidade à crítica de expressar uma dupla linguagem: abertura ao exterior, fechamento interior, defesa dos direitos humanos em toda a parte onde eles são lesados, mas indiferença a esses mesmos direitos na Igreja (notadamente do lado da Congregação para a Doutrina da fé, cujas práticas são gravemente problemáticas em face do direito e do respeito das pessoas sob suspeita). E é bem verdade que ele recuou, tendo em vista os documentos do Concílio Vaticano II, sempre evocados, mas freqüentemente interpretados de maneira restritiva. Ele também se caracterizou por uma grande incapacidade de enfrentar e resolver problemas graves, notadamente a rarefação dos ministros ordenados. A rigidez do Papa sobre a questão do celibato eclesiástico impediu a Igreja de encarar as soluções urgentes que se impõem, caso se queira respeitar o direito dos fiéis de se alimentarem dos Sacramentos. Este imobilismo provoca, em nossos países europeus, não a reevangelização anunciada, mas um recuo da fé (uma descristianização, se assim se quiser) realmente preocupante. Da mesma forma, a apresentação da posição moral da Igreja por João Paulo II pode ser considerada inadequada, rija e pouco misericordiosa. A reafirmação contínua desse rigor contribuiu para afastar bom número de pessoas da fé católica, mas ela também enrijeceu o campo conservador e identitário, confirmando-o num dogmatismo que caracteriza, com freqüência, o jovem clero e que fecha a Igreja sobre si mesma. É ainda fato bem conhecido que João Paulo II se interessou mais por sua ação sobre o mundo do que por um trabalho paciente de reforma da Cúria romana ou dos mecanismos administrativos da Igreja. Sob este ponto de vista, ele deixa um grande fardo ao seu sucessor.

IHU On-Line — Na sua opinião, quais foram os grandes e os mais controversos documentos publicados no pontificado de João Paulo II?

Paul Valadier — João Paulo II escreveu muito, deixando farto ensinamento em suas encíclicas e discursos diversos. Até houve questionamentos se não havia alguns excessos em falas tão numerosas, tão longas e tão repetitivas que se tornava impossível segui-las ou simplesmente lê-las. Dito isso, a maré trazia consigo textos preciosos. Eu realço três textos particularmente fortes: *Redemptor Hominis* (1979), *Centesimus Annus* (1991) e *Fides et Ratio* (1998). Mas, seria preciso falar também de alguns discursos, na ONU, em Nova York, ou na UNESCO, em Paris, sobre a cultura, discurso de alto teor intelectual e de grande alcance universal. Entre os documentos mais controversos, eu citarei a Encíclica *Veritatis Splendor* (1993) que, sob pretexto de dar uma síntese da moral católica e de impô-la a todo ensino na Igreja, dá uma versão truncada e unilateral. Entre os textos que suscitam polêmica e mais mal fundados, teologicamente falando, é preciso citar o *Motu próprio Ad tuendam fidem* (1998), que dá ao Papa poderes exorbitantes em matéria de doutrina, poderes não fundados pela tradição. Outros textos, como *Evangelium Vitae* (1995), mostram até que ponto João Paulo II tinha dificuldade em compreender a natureza e os princípios duma democracia liberal. Sua legítima angústia diante de certos desvios morais e jurídicos o conduziu a posições intelectuais pouco defensáveis no plano filosófico e teológico (por exemplo, sua posição sobre a relação entre o direito e a moral, sua concepção da democracia quase identificada a um totalitarismo de um novo gênero). Sua condenação muito global das sociedades modernas, identificadas a “culturas de morte”, pode parecer, não somente excessiva e exageradamente negativa, mas injusta e carregando perigosamente uma sentença desprovida de esperança, pouco apta a fazer nossas sociedades saírem de seus impasses. Sobre todos esses pontos a irradiação pessoal do homem permitiu deixar na sombra, para a opinião pública mundial, posições intelectuais contestáveis. Entende-se a dificuldade do “diálogo” com uma sociedade laica, logo que esta é identificada com uma “cultura de morte”, parecendo ignorar o valor de seus princípios

fundamentais. De maneira global, e certamente diversa de Paulo VI, a atitude de João Paulo II em face do mundo contemporâneo foi antes a do mestre que ensina e corrige, do que a do homem em busca de diálogo (que era o programa de Paulo VI, fixado em sua primeira encíclica *Ecclesiam Suam*).

IHU On-Line — Dois pontos: João Paulo II "internacionalizou" a Igreja e, atualmente, África, América Latina e Ásia têm o maior número de católicos. Que desafios representam esses temas para o próximo pontificado?

Paul Valadier — A abertura à vastidão do mundo franqueou um grande passo com este pontificado, como se viu muito bem, graças às numerosas viagens do Papa e, num grau menor, graças à internacionalização da Cúria, já iniciada antes dele. O centro de gravidade da Igreja passou da Europa para a América Latina, para a África e, em menor grau, para a Ásia. Deslocamento considerável do qual se mensuram mal os efeitos. João Paulo II acompanhou este movimento. Seus sucessores deverão tirar dele todas as conseqüências; talvez fosse preciso desligar o papado do patriarcado latino, e criar outros patriarcados mais autônomos (a América Latina já abriu caminho para uma organização forte de seus episcopados). Sobretudo, será preciso dar mais liberdade às igrejas locais, sem abafá-las sob uma centralização excessiva, e assim honrar a diversidade e a pluralidade interna da Igreja Católica. Foi atingido o estágio supremo da centralização, então não se pode ir mais longe sem riscos de secessão, se as igrejas locais não forem entendidas melhor. Quanto mais se for no sentido desta diversidade, mais a exigência de comunhão em torno do Ministério de unidade de Pedro e de seus sucessores será importante. Longe de diminuir a importância do Papa, uma verdadeira descentralização na Igreja que fosse fiel ao Vaticano II, reforçaria a autoridade espiritual e moral, não como uma autoridade que se substitui às outras, mas como a autoridade de um servidor que as serve.

[\(Voltar ao índice\)](#)

OS DESAFIOS DA IGREJA NO SÉCULO XXI

Entrevista com Aloísio Lorscheider

*O cardeal Dom Aloísio Lorscheider, OFM, concedeu a entrevista, que segue, ao IHU On-Line, na residência dos Franciscanos, em Porto Alegre, na última semana. Arcebispo emérito de Aparecida do Norte, São Paulo, com 80 anos, renunciou ao cargo no dia 28 de janeiro de 2004. Dom Aloísio é cardeal desde maio de 1976, e sua ordenação episcopal foi em 1962. Sua ordenação presbiteral aconteceu em agosto de 1948, e sua profissão religiosa foi em fevereiro de 1944. Dom Aloísio Lorscheider é graduado em Teologia e Filosofia pelo Convento dos Franciscanos de Divinópolis, Minas Gerais, e tem licenciatura e doutorado em Teologia Dogmática, pelo Pontifício Ateneu Antoniano, de Roma, na Itália. Seu lema é **In Cruce Salus et Vita** (Na cruz, a salvação e a vida). Durante o episcopado, Dom Aloísio foi bispo de Santo Ângelo, RS (1962-1973); secretário-geral da CNBB (06/1968-02/1971); presidente da CNBB (1971-1978); secretário nacional de Teologia e Ecumenismo da CNBB (1964-1971); coordenador da Comissão Episcopal de Doutrina; arcebispo de Fortaleza, CE (1973-1995); 1º vice-presidente e presidente do CELAM (1976-1979); 1º vice-presidente e presidente da Caritas Internacional; membro do Secretariado para a União dos Cristãos; membro do Conselho Pontifício Cor Unum; membro do Conselho Permanente do Sínodo; representante da CNBB junto ao CELAM; membro da Congregação para os Bispos; membro da Congregação para o Clero; membro da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade Vida Apostólica, membro do Conselho Pontifício da Cultura; e delegado da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América (1997). Antes do episcopado, Dom Aloísio foi professor no Colégio Seráfico de Taquari, RS (1949-1952); professor de*

*Teologia Dogmática, Espiritualidade e Pastoral em Divinópolis, MG (1953-1958); professor de Teologia Dogmática e diretor dos Estudantes no Pontifício Ateneu Antoniano em Roma (1958-1962), conselheiro provincial na Província Santa Cruz, MG; diretor dos Estudantes, em Divinópolis, MG; e visitador Canônico da Província Franciscana Portuguesa. Em co-autoria com José Beozzo, Dom Aloísio escreveu o livro **500 Anos de Evangelização da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1992. Ele foi cogitado como um dos possíveis sucessores do Papa João Paulo II e participou da Comissão Teológica do Concílio Vaticano II. Ao lado de Dom Boaventura Kloppenburg, apresentou o evento **IHU Idéias** de 25 de novembro de 2004, cujo tema foi *Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium*. Sobre o assunto, concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 124ª edição, de 22 de novembro de 2004 que foi traduzido para o italiano e publicada no sítio www.queriniana.it*

IHU On-Line – O senhor participou de dois conclaves. Que lembranças guarda?

Aloísio Lorscheider – Participei do conclave que elegeu o cardeal Albino Luciani em 1978, cujo pontificado durou apenas 33 dias, e do que elegeu o cardeal Karol Wojtyła, que durou, praticamente, 27 anos. Depois de eleger João Paulo I, cheguei a Brasília, participei de uma reunião e tive um mal-estar. Levaram-me para um hospital e me puseram na UTI. No dia seguinte, veio me visitar o general Figueiredo, que depois seria presidente do Brasil, durante a ditadura, porque eu era presidente da CNBB na época. Ele me disse: “Dom Aloísio, o senhor sabe que o Papa morreu?”. Eu respondi “Sim, claro, há um mês”. E ele me disse: “Não, o novo Papa!”. Foi assim que recebi a notícia. Quando saí do hospital, tive que arrumar as malas novamente e voltar a Roma, para participar de outro conclave. Todos ficaram impactados com a duração tão curta desse papado. Pensou-se em escolher um cardeal com bastante saúde. Depois de muita conversa e votos, foi eleito o cardeal Wojtyła.

IHU On-Line – Como é um conclave?

Aloísio Lorscheider – É difícil dizer. É um ambiente completamente isolado. Ninguém pode tomar nota de nada, tudo é queimado, ninguém tem gravador, ninguém tem rádio, televisão, nada. Tudo desaparece, fica o mais secreto possível. Nunca falta oração, porque sem oração nada se faz. E, aos poucos, pelas votações, vai aparecendo o candidato que a maioria dos cardeais prefere. Se eu achar que aquele é um bom candidato, eu voto nele. Saem várias rodadas. Nesta segunda-feira, dia 18 de abril, eles vão se reunir, a primeira rodada vai ser de manhã, muitos cardeais receberão votos. É muito difícil concentrar em um só. De tarde, vai haver mais duas rodadas. Na segunda rodada da tarde, já se pode perceber um pouco quais as tendências. Senão for assim, tem que esperar as quatro rodadas do dia seguinte, para se perceber com mais clareza. À medida que as votações vão se processando, aparece mais claro quem a turma acha um bom candidato.

IHU On-Line – Considerando a Igreja hoje, com seus desafios, na sua visão, qual o perfil que deveria ter o próximo Papa?

Aloísio Lorscheider – Deve ser um homem de oração. Se não for um homem de oração, não chega a nada. Deve ter um coração muito aberto para a humanidade, um coração sensível, com ternura para com todos. Que tenha boa saúde, para poder cumprir razoavelmente os seus encargos, porque não é fácil tomar conta de tudo, acompanhar, vigiar, orientar tudo se não tiver boa saúde. Eu acho que seria bom ter um papa que tenha mais diálogo com os bispos e, através dos bispos, com os religiosos, sacerdotes e leigos. Mas através do diálogo com os bispos, o que faltou um pouco nesse último pontificado. Mais diálogo, mais encontros e reconhecer um pouco mais uma certa autonomia dos bispos para decidir questões que não

precisam ser todas centralizadas em Roma. É importante um papa que confie nos bispos que ele mesmo indica.

IHU On-Line – Que diagnóstico faria da Igreja deixada por João Paulo?

Aloísio Lorscheider – João Paulo II foi um grande Papa, sem dúvida nenhuma. Ele abriu pistas novas que apreciamos. Uma delas foi o seu contato pessoal com o povo. A Igreja vai ao povo e não espera que o povo venha até ela. Outra pista interessante de pensar, não divulgada nos jornais, mas no meu entender foi muito importante, são as beatificações e canonizações de várias pessoas, sejam leigos, religiosas, padres, bispos, mártires, não mártires. O Papa quis fazer sentir que nós somos todos chamados à santidade e por isso podemos trabalhar nisso. Um outro aspecto a destacar foi a continuidade que deu as visitas *Ad Limina*, a visita a cada cinco anos dos bispos ao Papa. Nessas visitas, o Papa inovou. Ele não só ouviu relatórios, mas se encontrou com os bispos na oração, na celebração da eucaristia, em conjunto e individualmente, e se encontrou com os bispos no almoço. Eram uns quatro encontros que, para os bispos e para a Igreja, foram muito importantes.

IHU On-Line – Que aspectos foram mais limitados dentro do pontificado de João Paulo?

Aloísio Lorscheider – Acho que o Papa deveria ter se sentado mais com os bispos, depois de suas visitas pastorais aos países, para fazer uma avaliação da visita. Isso faltou. É difícil só com uma visita meio relâmpago, nas que o Papa dava seu recado, recolher frutos mais profundos. Acho que deveria ter tido mais tempo para discutir. Lembro-me da primeira visita que ele fez ao México. Estávamos todos prontos, esperando uma avaliação, e isso nunca chegou. Aqui no Brasil também.

IHU On-Line – O senhor é favorável à renúncia do Papa aos 75 anos?

Aloísio Lorscheider – Sou, sim. O Papa, chegando a uma certa idade, deve renunciar, o que está previsto como possível na constituição sobre a eleição do pontífice. Também está no Direito Canônico, que é possível, mas não podemos obrigar o Papa a renunciar. Nós, bispos, também não somos obrigados, somos solicitados, só que o Papa aceita. Se um bispo não apresenta a renúncia, ele não vai ser castigado, mas não vai longe, será substituído, porque a idade não permite mais estar à frente da diocese. A mesma coisa deveria acontecer com o bispo de Roma, quando chega a uma certa idade, não há mais condições. Vivemos isso com Pio XII, com Paulo VI. João XXIII foi uma exceção. Seria bom aproveitar a possibilidade que existe de renúncia.

IHU On-Line – O conclave não faz nenhum espécie de avaliação dos desafios da Igreja contemporânea?

Aloísio Lorscheider – Não. É apenas uma eleição. Não há nenhum tipo de avaliação. Também ali acho que talvez tenha uma falha, porque os cardeais poderiam fazer uma certa avaliação, mas não é feita. Há assuntos que são tratados, nesse interregno, mas não são aprofundados. Se não exige solução imediata, eles deixam para o próximo Papa. É algo muito *light*. Há conversas em grupos menores, de 2 ou 3 amigos, que discutem entre si, sugerem nomes, mas nenhuma discussão com todos.

IHU On-Line – Quais os problemas mais urgentes em relação à vida interna da Igreja?

Aloísio Lorscheider — Os problemas referentes à promoção da mulher, de modo especial, à ordenação sacerdotal de mulheres; à questão do celibato dos padres; à pastoral das metrópoles. Cidades crescendo, sem se ter o número suficiente de agentes de pastoral; o

problema, muito sério, da desagregação familiar; o secularismo crescente, sobretudo em alguns países da Europa; o aumento rápido de outras denominações cristãs, denominadas “seitas”; a difusão do islamismo por meio da migração dos povos; a formação dos futuros sacerdotes; o sempre mais difícil problema do sacramento da penitência, de modo particular, a sua celebração comunitária, com absolvição geral; o problema do ecumenismo.

IHU On-Line- Como o próximo Papa teria que se defrontar sobre esses problemas?

Aloísio Lorscheider – São problemas que devem ser considerados, estudados, aprofundados, pois é muito difícil lidar com a solução a priori. Precisamos ouvir quase o mundo todo. O problema da ordenação de homens casados é uma faca de dois gumes. Não é tão simples como alguns pensam. O padre tem cargos que o pai de família não tem. O pai pode atender sua esposa, seus filhos. A discussão sobre o celibato é mais complexa do que a simples discussão sobre o casamento dos padres. Trata-se de ver se realmente é conveniente ou não, no mundo de hoje, ter padres casados. Isso significa que o padre celibatário continua sempre importante. É melhor tratar esses assuntos um pouco devagar, com lentidão e muita consideração.

IHU On-Line – E com relação à questão da ordenação de mulheres?

Aloísio Lorscheider – Este é outro problema sério. Só que aí há outra interpretação que se dá ao documento que o Papa João Paulo II deu, dizendo que a ordenação está reservada aos homens. E essa é uma sentença definitiva. O que ele quis dizer com isso? Não ficou claro, ele não definiu como um dogma de fé. Temos a impressão de que um papa poderia retomar essa questão, que é muito séria. Não é por causa do preconceito contra a mulher, mas para a salvação das pessoas isso tem que ser visto. Aí entra um bem comum eclesial sobrenatural das pessoas. O Papa tinha uma opinião definitiva, mas pode ser que o próximo possa retomar o assunto. Isso nós vamos ver.

IHU On-Line – E quanto à discussão sobre os métodos contraceptivos?

Aloísio Lorscheider – Este é outro problema seriíssimo. A Igreja continua firme enquanto isso não se esclarecer. E não é tão simples. Agora tem esses métodos chamados naturais. Eles são ou não são contraceptivos? A Igreja diz que não, estão permitidos. Mas, pensando logicamente o comprimido que impede a ovulação não é permitido, agora usar os tempos infecundos também é calculista e isso é permitido. Em um casamento, o que é decisivo é realmente um amor profundo de pessoa para pessoa. E esse amor profundo acontece dentro de um clima de diálogo sério e sincero. Agora se vai tudo no cálculo, cuidando a temperatura, etc., fica sem espontaneidade. Vejo dificuldades mesmo com os chamados métodos naturais. O Papa Paulo VI deu quase como se fosse um dogma o fato de não separar o ato conjugal do ato procriativo. Esse problema é uma cruz. Mas pior cruz que o uso dos anticoncepcionais, que até poderíamos compreender como solução, são os matrimônios que fracassam. As pessoas se casam e, depois de três meses, se separam. Esse, para mim, é um problema sério. A Igreja pode declarar nulo esse matrimônio? Nós hoje temos os processos de nulidade matrimoniais. Mas não teria outra possibilidade? Porque esses processos demoram uma eternidade. É uma dificuldade real, não é fictícia. Uma outra possibilidade seria o Papa dispensar o matrimônio chamado *rato e consumato* (consumado e ratificado). Nesses temas há uma defasagem entre teoria e prática, entre os documentos e a vida concreta. O que fazer com as famílias que fracassam? A simples assistência não resolve. Como preparar melhor esse povo?

***IHU On-Line* – Atribui-se a João Paulo II um valor muito grande ao sacrifício... O senhor concorda? Como isso influenciou nas questões da Igreja, em geral?**

Aloísio Lorscheider – João Paulo II via um valor muito grande no sacrifício que a forma de vida cristã exige. De modo geral, o Papa era inclinado a favorecer tudo que respirasse exigência. Nas questões morais, ele tomou uma posição sempre séria, exigente, como uma espécie de espiritualidade que impunha à Igreja. E nesse ponto, João Paulo II era irredutível, extremamente coerente às exigências evangélicas. A dificuldade está em até onde eu posso e não posso contemporizar. E isso aparece, sobretudo no casamento. O Papa escreveu diversas coisas sobre casamento, mas esses pontos não são fáceis, como viver plenamente o casamento e viver dentro das exigências evangélicas... Por isso vem essa discussão dos métodos anticoncepcionais, sim ou não. Estamos diante de uma realidade que é difícil e para a qual não temos resposta. No dia-a-dia lidamos com realidades que nos ultrapassam.

***IHU On-Line* – Como João Paulo II se relacionou com a Nicarágua e Cuba?**

Aloísio Lorscheider- Sua visita à Nicarágua foi um tanto conturbada. O Papa não tolerava que houvesse, no governo sandinista, padres como ministros de Estado. Já com Cuba, o relacionamento foi mais cordial. A visita a Cuba foi uma visita tranqüila; o próprio Fidel Castro parece ter-se sentido atraído pela personalidade do Papa. Eu acho que, na Nicarágua, João Paulo II não foi feliz e, em Cuba, sim. De todas as visitas, para mim, a realizada na Nicarágua foi a menos feliz. Na Nicarágua não sei o que envenenou a convivência entre o Papa e a população. Ali alguma coisa não funcionou. Uma vez, em Roma, eu quis falar com Ernesto Cardenal sobre isso, mas ele não quis conversa. Eu calei a boca, não quis insistir. Eu tinha informado o Papa sobre a Nicarágua, mas ele não me ouviu. O Celam¹ tinha me mandado para fazer uma visita à América Central, para ver como estava a situação. Eu descrevi a situação, e eles acharam que eu devia falar com o Papa. E eu fui. Mas o Papa foi muito duro lá, não prestou atenção ao meu informe e expôs aqueles padres que estavam no governo sandinista na frente de todo o povo, de forma muito injusta.

***IHU On-Line* – O senhor sente otimismo em relação à Igreja do futuro?**

Aloísio Lorscheider – A Igreja do futuro vai ser um estouro. Nós ainda vamos viver épocas muito gloriosas. Eu não duvido um instante disso. Na história sempre foi assim. A história da Igreja é mestre da vida. Já passamos épocas difíceis, como no final do século XIX, quando o papado estava em sua derrocada e aconteceu o contrário. A Igreja viveu épocas luminosas e vai viver de novo. Deus não abandona sua Igreja. Nós temos o Espírito Santo, que não corre para o mato, não.

***IHU On-Line* – O senhor foi nomeado cardeal por Paulo VI. O que isso significou para o senhor?**

Aloísio Lorscheider – Significou uma grande ilusão que depois se transformou em uma desilusão. Ser cardeal não tem muita importância, só para eleger o Papa e ter entrada franca no Vaticano. Importante mesmo é ser bispo. Eu acho que muitos bispos bons mereciam ser cardeais e não são nomeados. Eu acho que, às vezes, ao se nomearem cardeais, se cometem, sem querer, é claro, injustiças. Paciência, é coisa humana da Igreja. Nunca mais fui a nomeações de cardeais, porque não me entusiasma, parecia mais um teatro. Mesmo no funeral do Papa, para que ir? Ele está morto, vou fazer o quê? O mais importante é rezar, mas eu sou otimista, acredito muito na Igreja.

¹ CELAM: Conselho Episcopal Latino-Americano. (Nota do *IHU On-Line*).

[\(Voltar ao índice\)](#)

QUERIA UMA IGREJA SEMELHANTE À IGREJA ANTERIOR AO CONCÍLIO VATICANO II

Entrevista com teólogo estadunidense

*Teólogo jesuíta norte-americano, com uma importante obra teológica traduzida em várias línguas, inclusive o português, que prefere ficar no anonimato, avalia o pontificado de João Paulo II, destacando a ação do pontífice na Igreja Católica dos Estados Unidos, **IHU On-Line** entrevistou-o por e-mail e respeita seu pedido de não querer ser identificado. Os pontos analisados são: o descrédito da hierarquia norte-americana nomeada ao longo do pontificado, a plataforma de condução da Igreja deste papado, alguns desafios do próximo pontificado e os aspectos positivos e as grandes contradições de João Paulo II. Os subtítulos são nossos.*

***IHU On-Line* — A partir de um olhar da Igreja Católica norte-americana, como o senhor avalia esse pontificado?**

Resposta — O Papa João Paulo II realizou muitas coisas boas, representando a igreja para o mundo fora dela mesma, mas ele deixou a Igreja, nos Estados Unidos, profundamente polarizada e dividida, com um corpo alienado de teólogos e com um laicato dividido entre aqueles que são cegamente leais e aqueles que estão desapontados. Os desapontados são o setor pensante e ativo. E há um enorme grupo de leigos que simplesmente deixou a Igreja. Os que nela permanecem são muito críticos quanto à competência da hierarquia. A Igreja americana tem um laicato dinâmico, mas o número de sacerdotes está diminuindo rapidamente, e novos sacerdotes e seminaristas são de uma qualidade geralmente inferior com perspectivas conservadoras e retrógradas. Muitas mulheres estão alienadas da Igreja por causa de seu patriarcado oficial e visões sexistas, e as mulheres religiosas da Igreja não foram capazes de redefinir-se, de modo que religiosas de institutos apostólicos parecem ser condenadas à extinção. A Igreja norte-americana tem grandes possibilidades, devido ao seu laicato letrado e talentoso, que compartilham um sentido de responsabilidade para a missão e bem-estar da Igreja, mas este Papa deixa para trás uma Igreja americana que falhou no desenvolvimento do caminho que poderia ter percorrido nos últimos 25 anos.

***IHU On-Line* — Quais foram os grandes pontos de tensão entre a Igreja Católica norte-americana e o Vaticano nesses últimos 25 anos?**

Resposta — A Igreja Católica nos EUA tem uma hierarquia que se autodefine positivamente na lealdade ao Papa, e não negativamente na responsabilidade com seu povo. Este deixou a hierarquia sem nenhuma autoridade em relação à moral, já que a maioria dos membros da Igreja permanece impensadamente fiel (devido à reconhecida inexperiência) em relação à doutrina. Especialmente sobre a ética sexual, a antes amplamente aceita autoridade da Igreja americana não mais existe. A hierarquia é percebida como sendo simplesmente um canal de opinião de um Vaticano que não entende a vida e a cultura dos Estados Unidos.

***IHU On-Line* — O Pontífice se opôs à Guerra do Golfo em 1991, e 13 anos depois, à invasão do Iraque. Como avalia a sintonia do Papa polonês com os presidentes norte-americanos?**

Resposta — Eu não vejo a nacionalidade polonesa do Papa como um fator em sua falta de compreensão dos processos políticos dos Estados Unidos ou de sua visão hostil à guerra no

Iraque. Eu creio que sua visão representa os ensinamentos sociais católicos e uma visão mais ampla do mundo, do que a da maioria dos líderes políticos americanos. Sua visão crítica da política externa americana é uma das muitas coisas boas deste papado.

***IHU On-Line* — Quais as grandes diferenças entre os pontificados de João XXIII, Paulo VI e João Paulo II?**

Resposta — João XXIII abriu a Igreja para o mundo moderno da historicidade e mudança, João Paulo II regulamentou a Igreja da mesma maneira como seus inimigos na Alemanha Nacional Socialista e na União Soviética regulamentaram os seus impérios. Paulo VI foi cauteloso, mas aberto, e ele nomeou bispos que tinham sua própria mentalidade; João Paulo II tinha uma lista de doutrinas que candidatos episcopais tinham que subscrever, isso garantiu um corpo de bispos sem opinião nem pensamento pessoal, que canalizaram ensinamento e disciplina do centro para o povo.

***IHU On-Line* — Podemos dizer que João Paulo II abandonou as idéias do Concílio Vaticano II?**

Resposta — Todos concordariam que João Paulo II foi um papa conservador e restaurador. Ele queria uma igreja semelhante à anterior ao Concílio Vaticano II, a Igreja na qual cresceu e que era uma firme resistência ao comunismo. Talvez o maior desserviço que João Paulo II prestou à Igreja tenha sido falhar em permitir que ela continuasse a evoluir após o Vaticano II. Ele criou uma situação análoga ao período após a condenação do modernismo², um período de relativo não-desenvolvimento na reflexão e prática teológica, de modo que enfrentar o mundo hoje vai requerer saltos para a frente, ao invés do lento desenvolvimento incrementador que poderia ter tido lugar nos últimos 25 anos.

***IHU On-Line* — Quais foram os grandes objetivos de João Paulo II em seu pontificado?**

Resposta — Ele teve, provavelmente, objetivos abstratos amplamente definidos, mas não tenho informação sobre as fórmulas descritivas que os definem. No entanto, os objetivos subordinados são bem conhecidos: restauração da ordem e da disciplina universais na Igreja, melhores relações com outras religiões, especialmente os judeus, restauração da comunhão com as igrejas orientais, bem como com as igrejas protestantes. Suas viagens pretendiam construir uma solidariedade mundial entre os católicos, um sentido de Igreja mundial unida.

João Paulo II temia perder o controle da Igreja

***IHU On-Line* — O Papa, por um lado, fez notáveis gestos a favor da conciliação ecumênica entre as diferentes confissões cristãs, o comovedor pedido de perdão ao povo judeu na memorável viagem à Terra Santa demonstrou interesse por manter aberto o diálogo com o islamismo e o budismo. Por outro lado, silenciou vários que estudavam os temas do ecumenismo, da inculturação e do diálogo inter-religioso. Como ler essas facetas num mesmo pontificado?**

Resposta — Elas representam uma das contradições deste papado. Suas ações não corresponderam às suas palavras. Ele disse muitas coisas maravilhosas, mas suas ações mostraram que muitas de suas promessas não foram apoiadas por suas ações; seus impulsos mais fortes foram a favor do controle de uma Igreja mundial. Ele temia que, em determinados momentos, ela pudesse fugir do seu controle.

² O teólogo se refere ao pontificado de Pio XI que com o "Syllabus" anatematizou o modernismo (Nota do *IHU On-Line*).

***IHU On-Line* — Segundo diferentes leituras, na Europa, se vive uma crise do catolicismo. Por que esse Papa não conseguiu frear esse processo em curso?**

Resposta — Este fato, este desenvolvimento histórico, deve ser colocado aos pés de João Paulo II. Ele foi o líder da Igreja durante os anos em que a Europa do Norte continuou se afastando da Igreja Católica. Mas, por que isso aconteceu? Minha opinião é que isso pode ser parte de suas limitações como um filho da Polônia durante os regimes Nazista e Comunista. Ele tem uma mentalidade totalitária; ele não compreende uma sociedade livre e aberta e como a autoridade deve ser pensada de maneira diferente e ser exercida diferentemente em tal contexto.

***IHU On-Line* — Wojtyla foi um líder que usou, como nenhum outro, a força do marketing para se fazer visível e se converter em notícia na Igreja e no mundo. Viagens, publicações, coletivas de imprensa, uso da Internet... inclusive nos últimos momentos de sua vida, mostrando sua deterioração física. Estar na mídia é suficiente para que a Igreja sobreviva na vida social, num mundo cuja vontade é precisamente a de romper com qualquer conexão com o passado?**

Resposta — Esse tipo de questão necessita de uma resposta refinada e com nuances. Seu apelo às massas pelos meios de comunicação representou a Igreja (e nela Jesus Cristo) e também o transformou numa estrela com um notável culto à sua pessoa. O primeiro resultado é bom, o segundo, não, mas como mensurar onde se encontra o peso maior? Ele certamente deve ser medido de maneira diferenciada entre diversos grupos de pessoas e de posições na sociedade: as elites educadas, a ampla classe de burgueses católicos, os acadêmicos, o baixo clero, as massas de classes não-educadas ou trabalhadoras, os não-católicos e assim por diante. Ele foi seguramente um homem do momento presente, mas refletiu uma tradição do passado, uma tradição que, infelizmente, não pensou que ela precisasse ser interpretada de maneira nova para a situação presente global e para situações locais específicas. Alguns respeitaram a pessoa e ignoraram completamente ou contradisseram seus pontos de vista.

Autocrata espiritual e dogmático

***IHU On-Line* — João Paulo II defendia uma concepção religiosa profundamente antropocêntrica, porém muito tensa com qualquer concepção mais relativista sobre a vida humana. Como poderíamos descrever esse pontificado em matéria dogmática e moral?**

Resposta — Rígida e antiintelectual. Toda essa conversa sobre ser um intelectual, isto é, ter uma mente aberta e questionadora que consideraria diferentes opiniões antes de decidir uma questão, está muito longe de descrever como ele procedeu. Ele foi um autocrata espiritual e dogmático e nomeou pessoas que poderiam reforçar suas posições com ação disciplinar contra opiniões opostas.

***IHU On-Line* — Na sua opinião, quais os desafios do próximo pontificado?**

Resposta — Disponibilidade universal da eucaristia, abertura para a ordenação de presbíteros casados (homens e mulheres), entrega ao laicato de algumas responsabilidades na Igreja, de acordo com sua responsabilidade para a missão da Igreja que lhes foi concedida pelo Vaticano II, descentralização da administração eclesiástica, construção de um clero que gere bispos que sejam líderes da Igreja num mundo muito mais complexo, trabalho comissionado em uma ética sexual, estabelecimento de uma estratégia ecumênica mais aberta, promoção de um clima no

qual as publicações teológicas atuais sejam discutidas criticamente e apresentadas com credibilidade, desenvolvimento de uma classe de líderes sem uma cultura clericalista, fomento de uma genuína inculturação em igrejas não-ocidentais, estabelecimento da política de uma igreja mundial na qual a colegialidade legislada no Vaticano II possa se tornar realidade, encorajando lentamente uma cultura eclesial de pluralismo, isto é, uma eclesiologia de comunhão na qual a unidade reduza as diferenças em igrejas que não são toleradas, mas apreciadas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O PRÓXIMO PONTIFICADO SERÁ UM TEMPO DE TRANSIÇÃO SIGNIFICATIVO

Entrevista com Dom Pedro Casaldáliga

*Dom Pedro Casaldáliga concedeu a seguinte entrevista por telefone de sua residência em São Félix de Araguaia, na semana passada. O bispo emérito atendeu a ligação telefônica do **IHU On-Line**, com humor, dizendo que nestes dias só parecem existir jornalistas no mundo. A resposta era de esperar: "Jornalistas e bispos, Dom Pedro". Ele afirma que seus dias, na atualidade, são mais tranquilos que no passado. "Estou como o Papa João Paulo II, com parkinson, mas continuo rezando, escrevendo, atendendo visitas e fazendo algumas celebrações". Ao longo da entrevista, o bispo avaliou o pontificado que acaba de terminar, fez um diagnóstico da Igreja atual e apontou os principais problemas que devem ser atendidos para uma real mudança. Dom Pedro Casaldáliga é espanhol e chegou a São Félix do Araguaia em julho de 1968, um dos períodos mais duros da história do País. Logo após se instalar no local, recebeu o primeiro sinal do que o aguardava. Quatro crianças mortas, colocadas em caixas de sapatos, foram deixadas na varanda de sua casa. Apesar da perseguição e dos atentados dos quais foi vítima, o religioso continuou fiel aos seus princípios. Numa região de constantes conflitos fundiários, o bispo ajudou a fundar a Comissão Pastoral da Terra - CPT, organização que deu uma nova dimensão à questão agrária. Do Brasil, sua atuação estendeu-se para outras regiões da América Latina, sobretudo da América Central, marcada por impasses sociais semelhantes. Pelo seu trabalho recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Unicamp, em outubro de 2000. Escritor e poeta é autor de dezenas de livros, discos e vídeos sempre com o perfil da teologia de libertação. Ele é autor da **Missa dos Quilombos** e da **Missa da Terra sem Males**. "Fui considerado um cabritinho dentro do rebanho", afirma D. Pedro na entrevista.*

IHU On-Line - O que o senhor esperava de um papa polonês?

Pedro Casaldáliga – Inicialmente, foi uma surpresa, porque estávamos habituados com papas italianos e porque, nas "nossas bandas", o cardeal Wojtyła não era conhecido. Em um segundo momento, os comentários eram mais críticos: "Papa polonês... Deve ter vivido o anticomunismo muito radicalmente, a tradição católica da Polônia é muito conservadora, sua formação deve ser muito tradicional". Em um terceiro momento, os meios de comunicação se mostraram simpaticamente abertos a um homem batalhador, generoso, sacrificado... Em um quarto momento, ficamos parados, em atitude de espera e observação. Estávamos no pós-concílio. O que mais interessava a muitos de nós era a continuidade da linha marcada pelo Vaticano II e já se começava a sentir, em alguns setores da Igreja, a vontade de uma marcha a ré, de uma involução ou freamo do concílio.

IHU On-Line - E aconteceu essa marcha a ré?

Pedro Casaldáliga - Nós devíamos ter dado essa abertura ao mundo, essa capacidade de escuta e de diálogo, essa vontade de não negar a história, não negar a ciência, de nos reconciliarmos com a legítima modernidade e de partir para o diálogo ecumênico eficaz e para

um verdadeiro e novo diálogo inter-religioso. Um dos documentos revolucionários do concílio foi reconhecer que a salvação está também fora dos marcos estritos da Igreja. Esperávamos isso do concílio, o Vaticano II deu um chute inicial e a caminhada da Igreja devia ser nessa linha. Infelizmente, nos últimos anos, tem sido uma caminhada de involução. O concílio Vaticano II sem ser negado, porque seria inadmissível, tem sido deixado de lado por parte de setores oficiais, sobretudo da Cúria romana.

IHU On-Line - Haveria como separar, então, a pessoa do pontificado de João Paulo II?

Pedro Casaldáliga - Eu digo sempre que o problema do papado é um problema de instituição papal, ministério de Pedro, a Santa Sé, o Papa com a Cúria. Depois cada Papa individualmente, dependendo de sua personalidade, de sua formação se movimentará nesse esquema circular do pontificado romano de um modo ou de outro, mas primeiro se deveria reformar o próprio papado. Descentralizar, estimular a colegialidade, a autonomia das igrejas particulares, o reconhecimento das igrejas evangélicas e protestantes como igrejas mesmo e fazer com que a Cúria Romana se simplificasse ao máximo. Há três grandes princípios: a colegialidade, a co-responsabilidade, a subsidiariedade. O que se pode resolver numa paróquia, numa diocese, numa conferência episcopal, não precisa ir a Roma.

IHU On-Line - O que implicaria reconhecer as igrejas protestantes como tais?

Pedro Casaldáliga - Reconhecer que são verdadeiras igrejas. Houve um documento muito infeliz, que muitos contestamos: o *Dominus Iesus*³ que não reconhecia as igrejas evangélicas ou protestantes como sendo igrejas, mas apenas como comunidades cristãs. Muitos de nós insistimos, para que elas fossem reconhecidas mutuamente. O ecumenismo deve sair do espetáculo de gestos singulares, extraordinários, simbólicos e partir para a comunhão diária.

IHU On-Line - Uma vez terminado o papado de João Paulo II, que diagnóstico pode ser feito sobre a Igreja?

Pedro Casaldáliga - Nós temos essa herança. Há uma certa divisão forte dentro da Igreja Católica. Sendo uma igreja só, há duas tendências evidentes: uma mais para dentro, afirmar a identidade, reafirmar as posturas ortodoxas; outra mais aberta ao diálogo, ao pluralismo e, dependendo de quem for eleito Papa, se pode reafirmar uma postura ou outra. Por outra parte, as bases da Igreja têm crescido em consciência e co-responsabilidade. Já não há aquela obediência infantil e cega. Queremos a unidade da Igreja, queremos a paz dentro da Igreja, mas com liberdade e a participação das outras. Não só a Cúria Romana, bispos e clero, mas leigos e, sobretudo leigos, co-responsabilidade eclesial, único modo de viver como irmãos e irmãs e de dar testemunho ao mundo.

IHU On-Line - No atual impasse da Igreja, como o senhor vê os atuais candidatos ao pontificado?

Pedro Casaldáliga - Gostaria de lembrar algumas coisas. Em primeiro lugar, 114⁴ dos cardeais, portanto, candidatos, que estão em Roma, foram eleitos pelo Papa João Paulo II. É normal pensar que são praticamente de sua linha. Em segundo lugar, cada pessoa é livre, mesmo com essa uniformidade aparente há muita diversidade pela formação, origem, etc. Em

³ Declaração *Dominus Iesus* sobre a unicidade e a Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, de 6 de agosto de 2000. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴ O Conclave é composto por 117 cardeais. Como dois estarão ausentes, participarão 115 (Nota do *IHU On-Line*).

terceiro lugar, sabemos que, além dos cardeais, o Espírito Santo tem alguma palavra no conclave, então podem acontecer surpresas.

IHU On-Line - Que conseqüências poderia trazer à Igreja um Papa como o cardeal Ratzinger?

Pedro Casaldáliga - Agora cada vez menos o Papa na Igreja terá um poder tão absoluto. Com João Paulo II, em certa medida também se fechou uma época. Ele era uma grande personalidade e era também personalista, autoritário e centralizador. Mas, tinha um grande carisma de convocação e todo o mundo reconhece uma grande fidelidade, até heróica, a seus princípios. Um novo Papa será outra coisa, outra figura. Haverá mais liberdade, se saberá relativizar o que é relativo e absolutizar o que é absoluto, de modo que vamos viver possivelmente, não um tempo revolucionário, mas um tempo de transição significativo.

IHU On-Line - Quais são as mudanças que a Igreja deve fazer no século XXI?

Pedro Casaldáliga - Optar pelos pobres e por todas as causas dos pobres. A opção evangélica pelos pobres é fundamental. Optar pelas causas da vida, da dignidade humana e para isso se aliar a todas as forças vivas da humanidade. Dentro da Igreja, estimular a convivência fraterna, como já indiquei antes. Para isso, rebaixar, ao máximo, o clericalismo exacerbado e potencializar a presença, a participação do laicato e, sobretudo da mulher, que continua sendo excluída da Igreja. Viver, mesmo no dia-a-dia, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso.

IHU On-Line - Como foi a relação entre a Igreja brasileira e o pontificado que terminou?

Pedro Casaldáliga - O problema dos últimos 30 anos com a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base, com toda nossa Igreja Latino-americana, a partir de Medellín, Puebla e Santo Domingo, é que reivindicávamos, e reivindicamos, essa opção pelos pobres explicitamente até as últimas conseqüências, de atingir as estruturas econômicas, políticas, culturais... Reivindicávamos, e reivindicamos, a inculturação de todas as pastorais, da liturgia e da teologia, sobretudo em um mundo mestiço, afro, indígena... Reivindicando essa participação, nos propúnhamos novos ministérios, modos diferentes de organizar comunidades, e se simplificava a estrutura de qualquer cúria diocesana e evidentemente a estrutura da cúria vaticana. Pedimos muito e seguiremos pedindo que o Papa deixe de ser chefe de Estado.

IHU On-Line - Como foi sua relação com João Paulo II?

Pedro Casaldáliga - Minha relação foi de um pequeno bispo de São Félix do Araguaia, da Igreja da América Latina, que se revitalizou com Medellín, em 1968. Entrei nessa correnteza e tive os problemas que logicamente essa nossa Igreja devia ter. Além disso, escrevi *A missa dos quilombos*, *A missa da terra sem males* e fiz todas aquelas viagens de solidariedade na América Central, sobretudo, na Nicarágua. Publiquei muitos livros catequéticos inovadores. Isso fez com que eu fosse considerado um cabritinho rebelde dentro do rebanho. Houve admoestações, mas tomei sempre isso com um certo humor, sabendo que o Reino de Deus continua, lamentando quando esses fatos provocam escândalos e prejudicam a caminhada do povo latino-americano.

[\(Voltar ao índice\)](#)

UMA MAIOR FLEXIBILIDADE DOGMÁTICA E RITUAL

Entrevista com Walter Altmann

“João Paulo II teve um firme compromisso com o ecumenismo, tanto nos escritos quanto nas práticas”, salienta Walter Altmann, pastor presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) desde dezembro de 2002. Ele reconhece algumas mudanças que o próximo Pontífice deve implementar. “Penso que o novo Papa deveria partilhar mais o poder, encorajar a participação de todas e todos. Tratar-se-ia de ouvir mais as e os fiéis, as teólogas e os teólogos, os bispos nas várias regiões do mundo para atender às necessidades específicas de cada contexto”, afirma.

*Altmann é formado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, é doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha. Foi presidente do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI) de 1995 a 2001, professor na Escola Superior de Teologia e no Instituto de Pós-graduação em Teologia de 1974 a 2002, reitor da Escola Superior de Teologia de 1981 a 1987, membro da Comissão Internacional de Estudos da Federação Luterana Mundial de 1977 a 1984 e membro da Comissão Brasileira Católico-Luterana de 1974 a 1982. Também integra a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo desde 1982. Altmann concedeu a seguinte entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail.*

IHU On-Line - Como foi percebido o pontificado de João Paulo II pelos luteranos? Que pontos assinalaria como positivos e como negativos?

Walter Altmann - Sem dúvida alguma, o Papa João Paulo II viveu um pontificado marcado por sua pessoa carismática e por gestos significativos. Foi ousado ao sair do palácio apostólico, indo ao encontro de povos, de políticos, de jovens, de igrejas e de religiões. Foi corajoso ao pedir desculpas pelos pecados das filhas e dos filhos da Igreja Católica, Romana frente aos outros. Foi coerente na sua encíclica *Ut unum sint*, de 1995, ao reforçar o compromisso "irreversível" da Igreja Católica, Romana para com o ecumenismo. Sob seu pontificado, foi assinada a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação (pela graça e fé, e não por nosso mérito), em 31 de outubro (dia da Reforma) de 1999. Esta revoga as antigas condenações e estabelece um amplo consenso sobre o tema que, para os luteranos, é o mais importante de todos. Porém, por ora, o acordo carece de conseqüências práticas, como a hospitalidade eucarística, que o Papa restringiu a casos excepcionais (*Ecclesia de Eucharistia*, 2003). Também não reconheceu os ministérios protestantes e afirmou que as igrejas protestantes não seriam, propriamente dito, "igrejas" (*Dominus Iesus*, 2000). Nesse sentido, não houve avanços. Houve até um retrocesso na leitura dos documentos do Concílio Vaticano II, leitura esta mais romana do que católica.

IHU On-Line - Como caracterizaria o conceito de ecumenismo e de diálogo inter-religioso que João Paulo II tinha em seus escritos e em suas práticas?

Walter Altmann - João Paulo II teve um firme compromisso com o ecumenismo, tanto nos escritos quanto nas práticas. Como pessoa, demonstrou ousadia e humildade. Visitou o Conselho Mundial de Igrejas, na sua sede em Genebra, em 1984. Convocou líderes religiosos para uma oração pela paz em 1986 e 2002. Recebeu teólogos, inclusive luteranos, em audiência e foi atencioso ao saudar, em cartas pessoalmente assinadas, momentos importantes na vida das igrejas e do movimento ecumênico. Pude ser testemunha do compromisso ecumênico do Papa, pessoalmente. Participei como delegado fraternal do Sínodo das Américas, realizado no Vaticano (1997), representando o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), na qualidade de seu presidente. Nessa ocasião fui também distinguido por um convite do Papa João Paulo II para um almoço em sua residência e oração pela unidade em sua capela privativa. Ao mesmo tempo, o Papa João Paulo II nunca deixou dúvida sobre o papel de

liderança da Igreja Católica Romana nas questões de fé. Mesmo demonstrando certa abertura para discutir o papel de Pedro como símbolo da unidade, nisto pensou mais nas igrejas ortodoxas orientais do que nas protestantes. Priorizou a evangelização para preservar e aumentar o rebanho católico-romano. Ao mesmo tempo que visitou uma sinagoga e uma mesquita, algo inédito para um papa, restringiu a vanguarda dos teólogos e teólogas católicos/as no diálogo inter-religioso, por exemplo na Índia. Apoiou movimentos conservadores e anti-ecumênicos na Igreja Católica (por exemplo o Opus Dei) e deixou de apoiar movimentos progressistas e ecumênicos, como, em muitos lugares, os jesuítas. Restringiu muito a prática da hospitalidade eucarística que vinha sendo praticada, em muitos lugares, de forma bastante aberta. Ou seja, enquanto sempre afirmou, de modo geral, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, impediu mudanças teológicas e práticas que poderiam concretizá-lo.

IHU On-Line - Que mudanças o senhor acha que precisaria fazer o próximo líder da Igreja Católica para promover uma renovação do cristianismo que responda às necessidades do mundo de hoje?

Walter Altmann - Parece-me que serão necessárias mudanças concretas que garantam uma maior flexibilidade dogmática e ritual. Penso que o novo Papa deveria partilhar mais o poder, encorajar a participação de todas e todos. Tratar-se-ia de ouvir mais as e os fiéis, as teólogas e os teólogos, os bispos nas várias regiões do mundo para atender às necessidades específicas de cada contexto. Apesar da impressionante comoção no mundo inteiro em torno do falecimento do Papa, muitas e muitos católicos/os não praticam, por exemplo, as regras da moral sexual e a proibição de meios contraceptivos. Essas regras também não ajudam, devido ao modo de vida na pós-modernidade e o perigo da AIDS, que continua se espalhando de forma espantosa. Não poucas pessoas deixaram a Igreja Católica por não encontrarem nela a fé que procuravam - algo bastante acentuado no Brasil. O próximo Papa deveria dialogar com a ciência de um modo mais flexível, pois os novos desafios da bioética não podem ser resolvidos por posições que não deixam espaço para diálogo e mudança. Por fim, deveria manter o compromisso de João Paulo II para com a paz e a justiça social, mas, talvez, permitindo uma maior diversidade na sua expressão teológica e prática.

IHU On-Line - A partir do movimento mundial em torno da vida e da morte, ou melhor, da pessoa de João Paulo II, houve luteranos que afirmaram a necessidade de ter alguma estrutura semelhante para os protestantes. Como o senhor vê a estrutura que organiza sua própria Igreja? Como vê a estrutura hierárquica da Igreja Católica?

Walter Altmann - João Paulo II conseguiu, de modo impressionante, articular a Igreja universalmente, impregnando-lhe uma postura coerente. Deu-lhe grande visibilidade e conseguiu respeito de todos os lados. Como luteranos não temos uma figura com esta visibilidade e com este poder de integração. Nossos processos de decisão e articulação são lentos e pouco centralizados, temos grande diversidade internamente. Isso faz com que sejamos menos facilmente identificáveis. Dificilmente conseguimos grande visibilidade no espaço público. Mesmo assim, nossa estrutura participativa, pouco hierárquica, e nossa cultura de conviver com a diversidade caracterizam a identidade luterana e são, no meu entender, pontos fortes da nossa tradição. Contudo, importa ressaltar que diversidade não significa arbitrariedade, e é tarefa dos órgãos competentes - dos concílios e conselhos, da pastora e dos pastores sinodais e do pastor presidente - zelar pela unidade na base do Evangelho e da confessionalidade luterana, em perspectiva e sensibilidade ecumênicas.

IHU On-Line - Olhando para o cristianismo como um todo e as igrejas que o compõem, quais são os principais desafios que devem enfrentar no século XXI?

Walter Altmann - Embora isso dependa um tanto de cada contexto específico, somos mais e mais mundialmente interdependentes. As igrejas e religiões não são isentas disso. Como juntar, então, diversidade e unidade, um mundo globalizado e uma grande pluralidade de identidades culturais específicas? Como igrejas, precisamos estender nossa comunhão ecumênica, sempre criteriosa à luz do Evangelho. Certamente, é preciso um profundo trabalho teológico, em diálogo com as igrejas irmãs, as outras religiões, o mundo... Precisamos dar nossa contribuição para a sociedade, lutando, entre outras, pela erradicação da fome e da miséria, pois estas não conhecem fronteiras nem confissões religiosas. Deve-se adotar posturas crítico-construtivas em relação à política, zelando pela paz, pela justiça, pelo reconhecimento da dignidade de todas e todos. Os desafios da ciência e da tecnologia precisam um acompanhamento de perto, algo muito exigente, mas imprescindível para lembrar que deve ter como fim, sempre, o bem-estar do ser humano num ambiente saudável.

IHU On-Line - Algum outro aspecto em relação ao pontificado passado ou próximo que deseje acrescentar e não foi perguntado?

Walter Altmann - Somos gratos pela vida e o testemunho de João Paulo II, um líder cristão de profunda fé. Somos gratos por todos os momentos de amizade, de comunhão e de cooperação vividos com pessoas pertencentes à Igreja Católica, Romana, tanto fiéis como ministros. Pedimos ao Espírito Santo que ilumine os cardeais na escolha da pessoa certa para conduzir a Igreja nos anos por vir, tendo em vista a comunhão ecumênica, o diálogo inter-religioso, a interação com a ciência e o firme compromisso para com a justiça e a paz. Reafirmamos nosso firme compromisso para fazer a nossa parte neste caminho.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O CORAÇÃO DA MATÉRIA

Por Boaventura de Sousa Santos

*Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal), sob o título acima, publicou uma reflexão sobre o pontificado de João Paulo II. O artigo foi veiculado na **Agência Carta Maior**, em 13-4-05. Eis o texto na íntegra:*

Difícil libertação da teologia

Os grandes temas dos teólogos malditos – democracia interna, injustiça social, sexualidade, discriminação – têm de voltar a ser postos na mesa agora. Sem isso, é duvidoso que a Igreja possa continuar a ter pretensões de ser o testemunho vivo de Cristo no mundo em movimento. Na vida como na morte, João Paulo II (JPII) foi um espetáculo midiático que revolucionou a imagem da Igreja no mundo católico e não católico. Agora que o espetáculo terminou, é tempo de refletir sobre o legado do papa e os desafios com que a Igreja Católica (IC) se confronta. Quando JPII iniciou o seu pontificado, a IC debatia-se com três problemas. A questão da modernidade: como interiorizar os valores da modernidade como a liberdade, os direitos humanos e a democracia. A questão ecumênica: quais as possibilidades e os limites do diálogo com outras religiões. A questão social: como articular evangelização com promoção humana em sociedades onde as desigualdades sociais não cessavam de aumentar. Estas questões tinham estado no centro do Concílio Vaticano II (1962-65) e tinham dominado os debates teológicos subseqüentes entre aqueles para quem o Vaticano II tinha ido longe demais e

pensavam ser necessário desativar o seu impulso reformista (os conservadores) e aqueles para quem o Vaticano II tinha de ser prosseguido, até porque não tinha ido tão longe quanto devia (os progressistas).

A eleição de JP II significou a vitória dos conservadores. A questão da modernidade foi tratada de modo contraditório. Em nível externo, os valores da modernidade foram abraçados como pedras basilares da luta anticomunista. Modernidade tornou-se sinônimo de capitalismo e, pela primeira vez em sua história recente, a IC identificou a sua mensagem com a de um sistema econômico concreto (encíclica *Centesimus Annus*).

Esta posição selou a aliança de JP II com Reagan e Thatcher, parceiros na revolução conservadora dos anos oitenta. Em nível interno, a questão da modernidade foi suprimida: democracia e liberdade são para vigorar na sociedade, não na Igreja. Esta, para ser fiel à sua missão, deve continuar a ser uma monarquia absoluta, centrada no papa e na Cúria, e todos os desvios devem ser punidos.

O povo de Deus só existe na comunhão com a hierarquia e, por isso, não tem voz nem voto para além dela. Todo o impulso democratizante pós-conciliar foi, assim, neutralizado: exacerbou-se o centralismo, com o esvaziamento do Sínodo dos Bispos; dezenas de religiosos e teólogos foram suspensos, silenciados, censurados, por ousarem abordar questões proibidas: sacerdócio das mulheres, celibato, uso de contraceptivos, aborto, culto mariano, infalibilidade do Papa, novas fronteiras da biologia.

Os jesuítas, entre quem soprava forte o vento da renovação, foram fustigados (substituição do Superior Geral, proibição da Congregação Geral de 1981). Pelo contrário, à Opus Dei – conhecida pelo seu conservadorismo teológico e disciplina rígida, e por defender a confessionalidade das instituições temporais – foi confiada a tecnologia institucional do restauracionismo, até ser convertida em prelatura pessoal do papa, com o que passou a estar subtraída ao controle dos bispos locais.

A contradição entre o tratamento interno e externo dos valores da modernidade passou despercebida do grande público pela maestria com que o papa reduziu a abertura da Igreja à democratização da sua imagem mediática. E o mesmo se passou com a questão econômica. Devido à recusa de JP II de qualquer abertura dogmática ou teológica, o diálogo inter-religioso ficou-se pelos espetáculos dos encontros ecumênicos. O mesmo se passou com a questão social, sendo que aqui a virulência conservadora de JP II atingiu o paroxismo.

Tratou-se de uma repressão brutal da teologia da libertação. Esta corrente teológica, assente na opção pelos pobres – “se Deus é Pai tem por missão tirar os seus filhos da miséria” – ganhava terreno na América Latina, continente onde vivem metade dos católicos do mundo, e traduziu-se num novo catolicismo popular que envolvia clérigos e leigos na luta social e política contra a injustiça social. É hoje sabido que JP II se serviu de informações da CIA – sua aliada na luta contra o comunismo – para acusar bispos e padres de subversão marxista, suspendendo-os ou forçando-os a resignar.

Agora que terminou o espetáculo, a Igreja confronta-se com as mesmas questões de 1979 e está em piores condições para lhes dar uma resposta positiva. A Igreja não se deixará iludir pela adesão dos jovens a JP II. É certo que o adoravam, mas estariam provavelmente tão dispostos a seguir na prática os seus ensinamentos conservadores como os ensinamentos revolucionários de Che Guevara, colado ao peito das suas *t-shirts*. Muita da energia pós-conciliar para libertar a teologia perdeu-se. A verdade é que os grandes temas dos teólogos malditos – democracia interna, injustiça social, sexualidade, discriminação – têm de voltar a ser postos na mesa. Sem isso, é duvidoso que a IC possa continuar a ter pretensões de ser o testemunho vivo de Cristo no mundo em movimento.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A IGREJA PRECISA DE QUATRO PONTÍFICES

Por Juan Arias

*Juan Arias, jornalista, especialista em assuntos do Vaticano publicou no jornal **El País**, de 15-4-05, o artigo abaixo traduzido e reproduzido pelo jornal **O Globo**, em 17-4-05. O jornalista Juan Arias é especialista em assuntos do Vaticano e é também escritor. Foi correspondente na Itália e no Vaticano por 34 anos e é autor de dois livros sobre João Paulo II, **El enigma Wojtyla** e **Un Diós para Wojtyla**. Acaba de publicar um livro sobre Maria, intitulado **Maria, esa gran desconocida** (Maria, essa grande desconhecida), pela editora espanhola Maeva. Dele publicamos um artigo na 136ª edição, de 11 de abril de 2005.*

Faz tempo que teólogos e bispos insistem que, com as dimensões atuais da Igreja Católica — mais de um bilhão de fiéis, mais de quatro mil bispos e milhares de dioceses, paróquias, congregações e ordens religiosas nos cinco continentes — um papa apenas, por mais super-homem que seja, não terá capacidade física para levar adiante uma máquina tão grande e complexa. Leva-se em conta ainda que o Vaticano é um Estado independente, com tudo o que isso representa.

— Seriam necessários pelo menos quatro papas (para cuidar de assuntos cada vez mais vastos e complexos) — disse um teólogo francês.

A isto é preciso acrescentar que a Igreja dificilmente elege um papa na plenitude de suas forças físicas e que, até agora pelo menos, o Pontífice não pode sequer se demitir quando seu corpo exige apenas descanso. Daí os últimos anos dos papas terem sido sempre mais negativos para o governo da Igreja, ao mesmo tempo que têm servido para a Cúria intensificar suas atividades, decretando novos documentos de fé ou de moral, geralmente numa linha conservadora.

“O que fazer?”, perguntam-se esses dias em Roma alguns cardeais — sobretudo europeus — participantes de um conclave que, ao que tudo indica, elegerá um papa com idade não inferior a 70 anos.

Alguém lembrou que seria preciso voltar aos primeiros anos da Igreja, quando vários papas dividiam o governo de diversas igrejas, embora o número de fiéis fosse infinitamente menor, e a Igreja, muito menos envolvida nos problemas do mundo. Até que Roma começou a arrogar poderes especiais de primazia. Mas só nos ano 60 o Concílio Vaticano II definiria a infalibilidade papal.

Para ser governada com folga, a Igreja necessitaria de quatro papas, que poderiam ser grandes patriarcas, ou como quiserem chamá-los. Todos com o mesmo poder, embora sob a liderança fraterna e não dogmática nem infalível do bispo de Roma. Faz falta alguém que se encarregue dos grandes problemas da Igreja na Europa, onde a fé cristã, seja lá por que motivo, está desmoronando. E um outro líder que siga de perto a Igreja da América Latina com seus problemas sociais e a debandada dos católicos para igrejas evangélicas e de origem protestante. Também a África precisa de um papa que conheça o que pedem seus cristãos e respeite sua cultura.

Lembro-me da primeira viagem do intelectual Paulo VI à África. Em discurso, ele disse: “Chegou a hora em que, para um africano ser cristão, não precisa ser branco.” Era um programa que até hoje não foi cumprido, já que se continua querendo impor ao continente a cultura européia e ocidental.

Por fim, faria falta um papa para a Ásia, um continente com problemas novos onde ainda não se sabe se a China vai se inclinar e aceitar a fé católica. Um papa ou patriarca que falasse chinês seria da maior importância naquelas latitudes, onde para os novos convertidos ao

cristianismo pouco podem importar os problemas do velho cristianismo europeu, ou mesmo latino-americano.

Cada novo papa chega com as mãos livres para fazer reformas. O sucessor de João Paulo II poderia ter a intuição de que a Igreja, com os desafios deste milênio, é muito grande para um só papa, por mais poderosa que seja a máquina burocrática que o apóia e que às vezes acaba substituindo-a. Este sim seria um milagre do falecido Wojtyła.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

A LA SOMBRA DE LA ILUSTRACION, DE REGIS DEBRAY E JEAN BRICMONT. BARCELONA: PAIDOS, 2004, 168 PAGINAS.

DOS DEUSES E DO MUNDO

*O livro que destacamos na presente edição traz um diálogo entre o filósofo Régis Debray e o cientista Jean Bricmont. A obra se converte em um riquíssimo debate entre os estudiosos de letras e os de ciências, cujo ponto de partida é o teorema de Gödel. É um livro estimulante que fala sobre a razão humana e sua capacidade para compreender as coletividades e o indivíduo. O artigo que comenta a obra é de autoria de Fernando Savater⁵ e foi publicado no caderno Babéla, do jornal **El País**, em 12 de fevereiro de 2005.*

Em 1997, Alan Sokal⁶ e Jean Bricmont levantaram uma pequena tempestade no lago da filosofia francesa (cujas gotas espalharam-se até nossos pagos hispânicos) ao denunciar em seu livro **Imposturas intelectuais**⁷ (Barcelona: Paidós, 1999) o emprego abusivo e extravagante que alguns de seus mais celebrados representantes faziam da terminologia e os modelos tirados das ciências experimentais ou exatas. Surgiu uma vivaz, mas também fugaz polêmica, em que se entrecruzaram amargos "o que passa é que você não entende em que sentido digo o que digo" com cruéis "naturalmente porque você não sabe de que fala". Finalmente, os de letras - não lhes chamarei "humanistas", porque agora dedicam seus melhores esforços a negar que o sejam - decidiram que os de ciências jamais compreenderão as sutilezas de seu discurso metatextual, enquanto os de ciências concluíam satisfeitos que os de letras são meros enganadores obscurantistas e terminou.

Todos contentes em seu descontentamento autista? Felizmente, não. Um dos açoitados na denúncia de Sokal e Bricmont foi Régis Debray⁸, filósofo cujo nome evoca, para alguns dos

⁵ Filósofo e catedrático espanhol. Autor, entre outros, de **As perguntas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. **Ética para Meu Filho**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. **O Meu Dicionário Filosófico**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000 (Nota do **IHU On-Line**).

⁶ Físico norte-americano, professor da New York University (Nota do **IHU On-Line**).

⁷ **Imposturas Intelectuais**. Rio de Janeiro: Record, 1999. (Nota do **IHU On-Line**)

⁸ De Régis Debray (filósofo francês, professor de midialogia) **IHU On-Line** publicou na edição nº 86, de 01-12-2003, "O Papa dos paradoxos", reproduzindo seu debate com Paul Valadier (jesuíta e filósofo) sobre o pontificado de João Paulo

mais jurássicos de nós, batalhas de antigamente e a morte do Che, que reconheceu pela metade, mas com honradez, um uso pouco correto (pelo menos equívoco) do teorema de Gödel⁹ como modelo social. Entretanto, Debray acreditou que a questão de fundo não era essa e que se devia e se podia ir mais à frente.

Encontrou seu interlocutor em um de seus críticos, Jean Bricmont, que é catedrático de Física Teórica. E algo ainda mais sugestivo: Debray não só é catedrático de Filosofia, mas também presidente do Instituto Europeu de História e Ciências das Religiões; Bricmont, por sua parte, preside a Associação Francesa para a Informação Científica.

Ambos entraram em um debate no qual a cortesia das formas não exclui a radicalidade das colocações nem a crueldade de uma confrontação que não autoriza reconciliações de trâmite no último momento. Devemos agradecer-lhe, porque o resultado é este livro, um dos mais estimulantes e sugestivos que temos lido nos últimos tempos. E um dos menos pós-modernos, porque ambos os interlocutores procuram o que poderia ser chamado de comum "verdade", sem contentar-se com a habitual palinódia de que cada qual conta a feira conforme a sua visão, portanto não há forma de resolver entre as diversas interpretações.

Neste apaixonante debate, o ditoso teorema de Gödel, que foi o detonador da discrepância, resulta logo estacionado, por sorte, e se avança muito mais. No fundo, enquanto se vai de uma área temática a outra, do que sempre se está falando é da razão humana e de sua possibilidade de compreender a fundamentação das coletividades e iluminar a vida dos indivíduos.

A despeito das numerosas simplificações vigentes, cada um dos interlocutores se esforça por reivindicar o sentido de antigos Grandes Relatos ideológicos apressadamente despachados: Debray tenta compreender a força instauradora do sagrado ("cada coletivo denomina 'sagrado' ao que lhe permite ser um tudo e não um montão"), enquanto Bricmont reencontra nas invariantes antropológicas uma universalidade que se aproxima do que antes se chamou natureza humana, "o qual supõe uma imensa novidade com respeito à antropologia culturalista e relativista que se maravilhava das diferenças".

Discutem sobre sociobiologia, positivismo, cognitivismo, hermenêutica..., mas sem afastar-se nunca pedantemente da cidade em que convivem os homens. O filósofo é republicano e, às vezes, parece quase conservador diante do cientista, libertário e muito mais *destroyer* em várias colocações.

Ambos são inteligentes. Lidos da Espanha, freqüentemente tocam questões da atualidade: assim quando debatem o papel da religião nas sociedades democráticas ou se preocupam com as mensagens separatistas respiradas na chamada Europa das regiões pelos partidários do divide e vencerás. De vez em quando, uma fórmula luminosa delimita um problema e nos projeta para um âmbito reflexivo, como quando Debray distingue a inteligência humana da capacidade de cálculo robótica: "As chamadas máquinas inteligentes carecem de infância e não sabem que vão morrer". Se vocês forem dos que acreditam que os filósofos vivem entre nuvens, e os cientistas não produzem idéias a não ser porcas, farão bem em ler este livro: feliz desengano!

[\(Voltar ao índice\)](#)

II. O debate foi originalmente publicado em uma edição especial revista francesa *Témoignage Chrétien*, em outubro de 2003 (Nota do *IHU On-Line*).

⁹ Kurt Gödel (1906-1978) matemático, formulou o Teorema da Incompletude (conhecido como "teorema de Gödel"), sustentando que qualquer sistema axiomático suficiente para incluir a aritmética dos números inteiros não pode ser simultaneamente completo e consistente (Nota do *IHU On-Line*).

Entrevista da Semana

VIDA E MORTE, UMA QUESTÃO DE DIGNIDADE

Entrevista com Leo Pessini

*Por mais de 12 anos, o padre Leo Pessini fez de um hospital sua paróquia. À beira dos leitos ou pelos corredores, compartilhou graças de cura, ministrou extremas-unções, prestou pronto socorro às dores da alma. Nunca se sentiu tão perto do ser humano e tão longe da humanização. O problema não era a instituição em si. O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo é referência no País. Sua aflição vinha principalmente dos casos em que ele não via respeitado o direito do paciente de morrer em paz e com dignidade. Pessini lembra em especial de uma senhora que, à beira de entrar no centro cirúrgico, implorou a ele como capelão e amigo que não fosse atada a aparelhos caso algo não desse certo. Não deu. Mas ele não pôde evitar sua longa e inútil permanência na UTI. "O procedimento standard da medicina é investir em todas as possibilidades tecnológicas de cura, como se a morte fosse uma inimiga, e não um processo conseqüente da vida", diz. Angústia semelhante ocorreu nos últimos dias de Tancredo Neves, dos quais foi testemunha de fé e razão. Durante quase um mês, o padre acompanhou o calvário de Tancredo, da família e da nação com a dúvida sobre por que um presidente não pode morrer - ou melhor, por que nenhum ser humano pode sair da vida, pelo menos no mundo ocidental. Daí nasceu o livro **Distanásia**, que tem tradução até em croata, por conta do longo tempo de agonia do marechal Tito¹⁰ ligado a aparelhos na época em que a Iugoslávia ainda sobrevivia Iugoslávia. Distanásia significa prolongamento fútil da existência, em contraposição à eutanásia, sobre a qual também escreveu. Termina a trilogia **Humanização e Cuidados Paliativos**, que resume o que considera o top na bioética hospitalar. Em entrevista para o cadernos **Aliás**, publicado n' **O Estado de S. Paulo**, em 27 de março de 2005, o padre, como bom camiliano¹¹, oferece caminhos para a boa morte; como um dos diretores da Associação Internacional de Bioética, explica a que vem essa ciência; e, como estudioso dos dilemas terminais, discorre por que o tom da celeuma Terri Schiavo¹² não é nem branco, nem preto, mas cinza. Os subtítulos são nossos.*

O caso da americana Terri Schiavo, que teve o tubo de alimentação removido por ordem do Tribunal Federal da Flórida, dividiu a opinião pública. Uns apóiam a decisão do marido de desligar o aparelho, outros se alinham com os pais, que querem mantê-la viva. Para qual lado o senhor pende?

¹⁰ Josip Tito (1892-1980): líder carismático da resistência sérvia à ocupação nazista, que transformou a Iugoslávia numa federação, conciliada sob o lema "Irmandade e Unidade". Josip Tito foi o principal responsável pela existência da Iugoslávia depois da Segunda Guerra Mundial. Com um grupo de guerrilheiros, combateu os alemães que haviam desmembrado o país. Depois da vitória, manteve a Iugoslávia unida até sua morte. Dez anos depois, o país começou a se desmembrar. Josip Broz, que em 1935 começou a usar o codinome Tito, foi ferido durante a Primeira Guerra Mundial e levado para a Rússia como prisioneiro. A Iugoslávia unificada por Tito é hoje um território dividido entre as repúblicas da Croácia, Eslovênia, Macedônia, além da Bósnia-Herzegovina (disputada por sérvios, croatas e muçulmanos), e de Sérvia e Montenegro, que formam a atual República da Iugoslávia. (Nota do **IHU On-Line**)

¹¹ Membro da congregação religiosa fundada por São Camilo de Lellis, no ano de 1582. Os padres e irmãos camilianos têm como carisma específico o serviço global aos doentes, com atuação em todas as áreas do mundo da saúde. (Nota do **IHU On-Line**).

¹² Na ocasião em que essa entrevista foi concedida, em 27 de março, a norte-americana Terri Schiavo ainda não havia falecido. Sua morte ocorreu em 31 de março de 2005, após 14 dias sem o tubo de alimentação. (Nota do **IHU On-Line**)

Há três verdades envolvidas nesse caso. A verdade científica afirma que Terri está em estado vegetativo persistente e irreversível. No entanto, essa condição ainda é um quebra-cabeça para a medicina. Dizem alguns especialistas que ela jamais voltaria a se recontactar com outras pessoas, ter consciência do que se passa com ela. É uma hipótese, não uma certeza. Existe também a verdade afetiva, da família e do marido, que infelizmente se bifurcou. Michael, o marido, atesta que, antes de sofrer a parada cardíaca que a deixou nessa condição, Terri teria expressado para ele a vontade de não aceitar a manutenção de um estado vegetativo. Não há nada escrito, o suposto pedido foi verbal. Já a verdade dos pais se apegam à esperança de que ela poderia responder a algum tratamento no futuro e reconquistar a lucidez. Pela proximidade afetiva, sendo para eles.

O senhor acredita que ela possa recobrar a consciência?

O estado de Terri não é terminal. Ela não tem morte cerebral, não depende de respirador artificial, estava ligada apenas a um tubo pelo qual recebia água e alimentação. Os cientistas afirmam que o seu estado vegetativo é irreversível, mas, de vez em quando, alguém sai dele. Quando vejo os pais dizendo "devolva-nos Terri, que vamos cuidar dela", honro essa vontade, a dos cuidados paliativos e da humanização. Ao cortar a água e a comida, os médicos abrem um precedente muito perigoso. Consiste num ato de violência contra um dos direitos humanos mais sagrados, que é o de saciar a fome e a sede. O fato de ter ficado dependente ou inconsciente não lhe tira a dignidade de ser.

Os especialistas insistem em que não há sofrimento nessa opção.

Como saber? Como ter certeza disso? A verdade afetiva dos pais lê expressões de sofrimento no rosto de Terri. O irmão dela, Bobby Schindler, chegou a afirmar que "parece uma imagem dos prisioneiros dos campos de concentração". Já o advogado do marido afirma que Terri apresenta uma fisionomia serena e expressa paz. São duas verdades afetivas e uma científica nem tão absoluta assim.

Para fugir do rótulo de eutanásia, proibida pela legislação, os médicos retiraram o tubo em vez de oferecer algum medicamento que lhe tirasse a vida. Ainda assim, a opção é vista como eutanásia?

Sim, é uma eutanásia passiva ou por omissão, moralmente inaceitável. O termo "eutanásia" quer dizer, literalmente, morte boa, sem dor nem sofrimento, de um doente moribundo, assistida por um médico. No século XX, porém, esse tom benévolo ganhou um caráter pejorativo depois que o nazismo "eutanasiou" cerca de 100 mil pessoas, principalmente recém-nascidos, idosos e deficientes físicos e mentais. A eutanásia pode ser ativa ou passiva. Um exemplo de eutanásia ativa é a administração de uma overdose de morfina. O caso de Terri ilustra a passiva.

A Distanásia

A Igreja condena a eutanásia, mas autoriza os médicos a deixar uma pessoa morrer em paz. Qual é a diferença?

Deixar a pessoa morrer em paz é aceitar a condição humana e evitar que se usem procedimentos médicos desproporcionais em relação aos resultados esperados. É negar o abreviamento da vida ou eutanásia, mas também o prolongamento exagerado da agonia, do sofrimento e da morte do paciente por meio da tecnologia e dos medicamentos - a chamada distanásia. Tratamento fútil e inútil, a distanásia não estende a vida propriamente dita, e sim o processo de morrer. Diante de um prognóstico certo de que não há mais cura para determinada

doença - e nem sempre é fácil chegar a isso -, para uma obstinação terapêutica em busca da cura da morte. Nesse sentido, em vez de manter a pessoa indefinidamente presa a uma máquina, seria mais apropriado investir em cuidados paliativos que dessem mais conforto ao doente numa fase terminal.

Negar os recursos da tecnologia a um paciente não seria ferir um dos objetivos clássicos da medicina, que é prolongar a vida?

Não sou contra a tecnologia, mas contra a "tecnolatria", que coloca os aparelhos e a farmacologia num pedestal. Diante das possibilidades da área e também por medo de parecer omissa, a medicina tende hoje a medicalizar a vida o máximo possível e entender a morte como inimiga. Daí a visão de que toda pessoa sã é sempre um doente mal diagnosticado e que um remédio e um *check-up* são sempre necessários. Daí a prática cada vez mais comum da distanásia, que não existia enquanto os recursos tecnológicos não eram tão disponíveis. Hoje as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) são modernas catedrais do sofrimento humano. Só deveria ir para a UTI quem tem esperança de cura e saúde, mas não é bem isso o que acontece.

Quando governador de São Paulo, Mário Covas, assinou uma lei que dá aos usuários dos serviços de saúde no Estado o direito de recusar tratamentos dolorosos ou extraordinários para tentar prolongar a vida, essa lei já foi chamada de "eutanásia branca". Trata-se de distanásia, então?

Qualquer ação que se faça no sentido de não investir no prolongamento da vida é logo codificada como uma ação eutanásica. Na verdade, a lei estadual n.º 10.241, de 17 de março de 1999, é um não à distanásia, à morte prolongada futilmente, agredindo a dignidade. Essa mesma lei tem outro inciso, que permite ao doente optar pelo local da morte. Segundo depoimento do infectologista David Uip, que foi médico particular do governador, Covas preferiu não ficar na UTI nos seus últimos dias. Isso é se dar de presente uma morte digna, em paz, sem abreviações de um lado nem prolongamentos do outro.

Uma ética paternalista

Os cidadãos têm conhecimento de seus direitos como pacientes?

No Brasil, temos uma mudança de cultura no sentido de respeitar a autonomia e a autodeterminação da pessoa e de informá-la sobre seus direitos diante da doença, mas isso é incipiente. Ainda vivemos uma ética paternalista, em que a verdade está sempre nas mãos do cuidador, isto é, do médico. É uma subserviência perigosa. Diante de um diagnóstico qualquer, dizem: "O senhor é quem sabe, doutor." O que o médico sabe é que o Código de Ética da categoria, de 1988, diz que o profissional de medicina deve ter absoluto respeito pela vida humana. Esse conceito foi reforçado em 1994 pelo adendo "desde a concepção até a morte". O respeito absoluto pela vida acaba dando uma ênfase enorme para o biológico. O sofrimento, a dor e a própria morte viram problemas técnicos, que vão ser resolvidos como tais. Mas, se olharmos o Código Penal brasileiro, está lá que não constitui crime deixar de manter a vida de alguém por meio artificial se a morte for previamente atestada como iminente e inevitável por dois médicos e se houver consentimento do paciente ou, na sua impossibilidade, de ascendente, descendente, cônjuge, companheiro ou irmão.

E como ficam aqueles casos em que, ao administrar doses de morfina para abreviar um sofrimento, o médico acaba abreviando a vida por tabela?

A legislação penal prevê e autoriza esses casos. Segundo a ética católica, a prática também é perfeitamente aceitável. O médico não está visando à morte, mas ao cuidado da dor e do sofrimento, que pode ter como consequência inevitável e indireta a abreviação da vida física. Do ponto de vista cristão, a vida não é um valor absoluto, mas um bem fundamental, não polarizado na questão biológica, porém intimamente ligado à alma. Por isso a Igreja é contra o prolongamento de vida que nega a subjetividade humana.

Mistanásia

Os cuidados paliativos em fases terminais são acessíveis à população?

Não são nem nos Estados Unidos, quanto mais aqui. Cuidados paliativos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, englobam cuidados com a dor física, psicológica, social e espiritual. São também conhecidos como cuidados de "hospice", pois se referem aos lugares, nos tempos antigos, em que peregrinos e viajantes podiam procurar abrigo e cuidado. Em 1950, Dame Saunders fundou o St. Christopher Hospice, em Londres, no qual se tratavam as pessoas que estavam agonizando. De lá para cá os cuidados paliativos também ficaram conhecidos como filosofia de hospice. Hoje, pesquisas americanas mostram que mais de 50% dos pacientes com câncer em fase terminal tiveram sofrimento físico durante os últimos dias de vida, atenuado, quando muito, apenas por sedação. Cerca de 40% da população ainda morre com dor. No Brasil, não há estatísticas, mas a situação, com certeza, é muito pior, já que o SUS deixa a desejar, e os planos de saúde não cobrem esses cuidados. Na maioria das vezes, as pessoas em estágio terminal são devolvidas às famílias, que se viram como podem para amparar o doente. Há um grande silêncio quanto a isso. Ninguém fala nas nossas Terris Schiavos, abandonadas pelas residências Brasil afora. Aliás, também não se menciona a mistanásia - morte triste, ao pé da letra -, que é a eutanásia social, uma abreviação coletiva de vida, em que a exclusão e a desigualdade dizimam as camadas mais vulneráveis da sociedade.

Em 1990, cerca de 10 mil pacientes em estado vegetativo persistente oneravam o sistema de saúde americano em mais ou menos US\$ 10 mil por mês. Como está essa situação hoje?

Acredita-se que, passados dez anos, esses pacientes já cheguem a 20 mil, com um consumo enorme de investimento. O temor é que o caso Terri abra um precedente no sentido de negar água e comida para esses pacientes com o argumento de que o Estado deixa de investir em saúde pública, prevenção de doenças e assim por diante para tratar essas pessoas. O estado vegetativo não é o mais exemplar, pelo juízo duvidoso quanto à recuperação, mas, nos casos de certeza de prognóstico, o ônus do tratamento prolongado deve ser levado em conta. O primeiro ônus é o do sofrimento, não só para o doente como também para a família. Qual é o custo-benefício de uma intervenção cirúrgica, por exemplo? Ela será eficaz? O segundo encargo é o financeiro, tanto para o indivíduo quanto para a família, o plano de saúde e os cofres públicos. Será que o procedimento sugerido, ou imposto, é proporcional aos resultados que se esperam?

Na contramão dessa proposta de diminuir o ônus do governo com o tratamento de doentes em estado vegetativo, Bush tentou reverter a decisão do tribunal, o que significa manter os cuidados de Terri sob o Estado. Ele fez bem?

Essa paciente virou um brinquedo de interesses políticos entre republicanos e democratas. Bush não tem currículo para se dizer defensor da cultura da vida. Quando governador do Estado do Texas, autorizou cerca de 150 execuções capitais, e hoje avaliza a guerra no Iraque. Também

representa um segmento fundamentalista cristão reacionário no poder, que afeta em cheio a bioética, porque dificulta o diálogo com o mundo científico.

A bioética. Grito pela dignidade humana

Como a bioética vê essas questões de vida e morte?

A bioética é um grito pela dignidade humana. Defende a vida num sentido amplo, que se estende pelos níveis ecológico e cósmico. Nasceu pelas mãos do oncologista americano Van Rensselaer Potter e é uma ciência nova, com apenas 35 anos. No seu credo de ativista, Potter defendia direitos individuais e responsabilidade social e ambiental. Ele trabalhou por mais de meio século na Universidade de Wisconsin, em Madison, com pesquisa sobre o câncer e passou os últimos dias de sua vida cuidando da esposa, deficiente por causa da artrite. Há um outro pesquisador que reivindica a paternidade do termo "bioética", o obstetra holandês Andre Hellegers. Estimulou a discussão crítica sobre o progresso médico-tecnológico, que apresentava sérios desafios aos sistemas éticos do mundo ocidental. A bioética, portanto, está intrinsecamente ligada aos prolongamentos e às abreviações de vida. Ela prega, na verdade, a ortotanásia, que é a morte no seu tempo certo, reta, digna, sensível ao processo de humanização.

As faculdades de Medicina adotam a bioética no currículo?

Nas áreas de saúde e ciências da vida, já se incorpora a disciplina Bioética. É impossível imaginar um médico que não se preocupe com esses valores humanos em sua prática diária. Para além da mera informação, procura-se a formação. Já temos, no Brasil, o primeiro mestrado *stricto sensu* em Bioética, no Centro Universitário São Camilo, que estende o curso para diferentes áreas além da Medicina, como Direito, Enfermagem, Psicologia, Ciências Humanas e Jornalismo.

Pode-se falar em bioética global? Ou ela depende do contexto sociocultural?

A Unesco tenta elaborar uma declaração universal da bioética, mas ela depende muito da cultura e da história de cada povo. O jeito de viver do americano não é igual ao do latino, do brasileiro. A cultura anglo-saxônica privilegia a razão, a ação, o pragmatismo e o individualismo. Nós valorizamos o coração, o sentimento e o estar junto. Lembro bem que, quando estava nos Estados Unidos, a primeira coisa que um americano dizia ao perceber meu sotaque no corredor do hospital era "*What are you doing here?*". Depois, "*Who are you?*". No Brasil, querem primeiro saber quem você é para depois descobrir o que você faz. Nessa linha, a bioética precisa levar em conta as diferentes percepções e os diferentes valores, incluindo os religiosos.

Como capelão de um hospital por mais de 12 anos, o senhor já se viu em xeque diante de uma pessoa que lhe pediu para morrer?

Sim, várias vezes. Nessas horas, o que me ajuda muito é a minha formação em filosofia, teologia e aconselhamento. Eu diria que o grande desafio é ser criativo nessas horas e combinar razão, realidade, fé e coração humano. Quem pede para morrer está gritando por um sentido numa vida sem sentido. Não é um belo sermão ou uma pregação que vai ajudar, mas a presença solidária de estar junto, acolher a dor e respeitá-la. A morte, assim como o nascimento, é o momento de maior vulnerabilidade do ser humano. É preciso uma atitude de reverência e respeito, sem juízos de valor ou imposições para mudar o curso das coisas. Há quem encontre razões para transcender o sofrimento. O médico austríaco Victor Frankl, sobrevivente do nazismo, lembra no livro *Em Busca de Sentido* que só agüentou as agruras do

campo de concentração, porque pensava na mulher e nos filhos. Já o espanhol Ramón Sampedro, cuja história foi retratada no filme *Mar Adentro*, não viu perspectiva alguma. Estava determinado a morrer, apesar de todas as propostas feitas em termos de cuidado, amor, vida e fé. Estou convicto de que, se alguém pede para interromper sua vida, está lutando por mais sentido, mais transcendência e melhores condições humanas e éticas de vida.

É possível deixar claro, num testemunho escrito, a vontade de não ter a vida prolongada futilmente. O senhor já fez o seu?

Na minha família, todos conhecem o meu desejo de me deixarem morrer em paz. Mas, depois do caso Schiavo, em que os familiares se dividiram, talvez seja melhor deixar isso por escrito.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Artigo da Semana

A FÉ ENTRE DOIS MUNDOS

Por Jurandir Freire Costa

Como artigo da semana, destacamos o texto a seguir, de Jurandir Freire Costa, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 17 de abril de 2005. Jurandir Freire Costa é psicanalista e professor de medicina social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de **Sem Fraude nem Favor** e **Razões Públicas, Emoções Privadas** (Ed. Rocco), **O Vestígio e a Aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, entre outros. Dele publicamos um artigo na 123ª edição, de 16 de novembro de 2004, uma entrevista na 127ª edição, de 13 de dezembro de 2004, e outra entrevista na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004.

O assassinato da irmã Dorothy Stang [em 12/2] expõe, uma vez mais, a ignomínia crônica de nossa cultura. A sanha homicida dos poderosos parece insaciável e não se explica apenas pela avarícia de lucro. Ela exprime a predisposição histórica de muitos brasileiros privilegiados para tratar os mais humildes com um desprezo e uma desumanidade cujas raízes vêm de longe. É sobre as origens e causas dessa nódoa moral que Ângela Randolpho Paiva e Alexandre Rampazzo nos fazem refletir.

Ângela Paiva é socióloga e autora de **Católico, Protestante, Cidadão -Uma Comparação entre o Brasil e os Estados Unidos** (UFMG/Iuperj); Alexandre Rampazzo é autor do documentário **Ato de Fé** (2004)¹³.

Ambos tratam da participação do clero e do laicato católicos na dinâmica social brasileira, deixando-nos entender melhor o papel que a fé pode ter na construção de um mundo mais justo.

O espírito do trabalho de Ângela Paiva é bem resumido em uma passagem de Joaquim Nabuco citada no livro: "O movimento contra a escravidão no Brasil foi um movimento humanitário e social antes que religioso; não teve a profundidade moral da corrente que se formou, por exemplo, entre os abolicionistas da Nova Inglaterra". O texto, obviamente, não propõe a

¹³ O Instituto Humanitas Unisinos oportunamente organizará a projeção e o debate do filme *Ato de Fé*. Sobre este filme publicamos um comentário de Amir Labaki no **IHU On-Line** número 113, de 30 de agosto de 2004. (Nota do **IHU On-Line**).

hegemonia da vida religiosa sobre a cívica. Mostra, apenas que, neste país, a luta pela igualdade, desde o início, careceu de fundamentos morais sólidos.

Indiferença

No Brasil, a "oligarquia iluminista" combateu a escravidão, e a escravocrata procurou mantê-la a ferro e fogo. Nos dois casos, porém, faltou algo do quilate da fé religiosa que fez do abolicionismo americano um acontecimento motivado por interesses econômicos mas também por razões éticas.

Esse foi o alvo do comentário de Nabuco, que, hélas!, ainda se aplica ao panorama político atual.

Nos anos 50/60, diz Ângela Paiva, o cenário mudou. Parte da Igreja Católica compreendeu, finalmente, que fé banhada em indiferença para com os oprimidos pode ser ópio do povo ou neurose coletiva, mas nunca amor cristão. Pagou caro, e o preço é dolorosamente exibido em "Ato de Fé". O filme, em linhas gerais, centra-se no depoimento de frades e ex-frades dominicanos, que falam da colaboração com a ALN [Ação Libertadora Nacional], movimento de guerrilha urbana comandado por Carlos Marighela.

Deixo de lado as possíveis controvérsias suscitadas pelo documentário: a justificação política da luta armada ou do ideário socialista/comunista dos guerrilheiros; a complacência da hierarquia católica da época para com a brutalidade repressiva da ditadura; o papel vergonhoso da imprensa liberal, que foi, na grande maioria, conivente com a truculência policial etc. Esse quadro vem sendo analisado por quem tem competência no assunto. Passo ao que, no filme, aponta para o que julgo ser uns dos grandes impasses do presente, a fraqueza normativa da fé como ideal de conduta.

No testemunho dos dominicanos, uma coisa é evidente: a fidelidade à ética cristã. Para os mais cínicos, isso soa como ronrom dos que se comprazem com intenções piedosas; para os mais materialistas, como conversa dos que não possuem assertividade e foco -é esse o clichê!- para ser um "vencedor". Puro engano. A ação dos religiosos prova que fé não é idealismo vazio, e, sim, indício de vitalidade cultural.

A fé, na tradição secular, é sinônima de crença irracional em verdades reveladas de natureza sobrenatural. O pensamento racionalista definiu-a dessa maneira e, desde então, tendemos a ver sua presença nos negócios humanos como sinal de despotismo à vista. Observada, porém, à luz do evento dominicano, essa impressão se esfumaça. No episódio, a fé surge como o ato que, com ou sem o adjetivo espiritual, funda os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

Na atitude dos religiosos, fé nem é blindagem cega contra dúvidas nem flerte com idéias totalitárias. É coragem de sustentar princípios que fazem da vida terrena uma empresa com sentido. Para os que têm fé, a única garantia de verdade é a de que, sem ela, o mundo se torna um lugar extravagante, inóspito, insípido, onde os seres humanos circulam como atores supérfluos de um drama igualmente fútil.

Isso vale para a fé do religioso em Deus como para a do cientista na ciência; para a do artista na arte; para a do moralista nos deveres éticos; para a do humanista nos melhores aspectos das pessoas etc.

A fé, assim, é o primeiro motor da práxis humana; é o que nos faz ver que a vida vale a pena ser vivida, como disse [o pediatra e psicanalista inglês] Winnicott [1896-1971]. No entanto, ao contrário do que se pode pensar, fé não é o mesmo que credulidade e fanatismo, produtos típicos do desespero psicológico ou social.

Para viver e morrer, os crédulos e fanáticos não precisam se dar ao trabalho de buscar o sentido da vida. Basta-lhes crer na existência de hereges e inimigos a serem odiados,

perseguidos e exterminados. A fé cristã e o credo humanitário são o justo oposto disso. A primeira prega o "amor ao próximo", o segundo, o "respeito ao próximo", matrizes da reverência pela integridade físico-moral da pessoa. A fé não é o consolo dos impotentes e ressentidos; é, como queria Nietzsche, a marca dos fortes e criadores

É a fé como lei "sine qua non" do convívio humano que surge da fala dos entrevistados do filme de Rampazzo. Em nenhum momento eles renegam o que fizeram, embora estejam perfeitamente conscientes do dilema que, como cristãos, foram forçados a enfrentar: dar abrigo à violência da guerrilha, quando esta aparecia como último recurso contra uma violência ainda maior, a do Estado ditatorial armado.

É, portanto, enobrecedor ver a serenidade e a firmeza do frei Oswaldo Rezende, ao relatar as razões que levaram os dominicanos a apoiar a ALN; é pungente ouvir o ex-frade João Valença e o frei Fernando narrarem o que sofreram e viram outros padecerem sob tortura; é comovente escutar o "Salve Regina" cantolado pelo ex-frade Yves Lesbaupin, ao lembrar que os guerrilheiros "ateus e marxistas" pediam-lhes para ouvir esse canto nos intervalos entre as sessões de tortura; é dilacerante escutá-los, todos, falarem do suicídio do frei Tito e do torturador que lhe havia dito: "Você pode sair vivo daqui, mas eu matei sua alma".

O torturador, como qualquer fanático, jamais poderia entender que almas como a do frei Tito não morrem. Elas são a inspiração imortal dos que têm fome e sede de justiça. Elas são o lume em meio às trevas dos que perderam a fé na dignidade da vida. Elas animam a fé de todos que, como a irmã Dorothy, permaneceram ou permanecem ao lado dos despossuídos. Nelas, enfim, sopra a fé de que necessitamos para saber que iniquidades sempre existirão no mundo e, ainda assim, não ceder ao apelo do iníquo em nós e no outro. Leia o livro e veja o filme. São um belo elogio à fé.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Análise de Conjuntura

O TERCEIRO DISCURSO

Por Luiz Carlos Bresser Pereira

*O artigo que segue foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 11-4-05. Seu autor, Luiz Carlos Bresser-Pereira, é professor da Fundação Getúlio Vargas e ex-ministro da Fazenda do Governo Sarney, da Administração Federal e Reforma do Estado e da Ciência e Tecnologia do governo FHC. Bresser-Pereira é também autor de **Democracy and Public Management Reform** (Oxford University Press, 2004).*

Nos últimos 20 anos, houve grande avanço da democracia, mas não houve desenvolvimento para enfrentar a pobreza nem ação social suficiente para reverter a desigualdade - os dois grandes males que o Brasil enfrenta. Hoje, o que vemos não é apenas um governo federal desorientado e paralisado, mas a própria sociedade brasileira sem rumo. Falta claramente um consenso nacional.

Antes da redemocratização, havia um consenso. Os brasileiros, sua sociedade civil e seu povo queriam de volta a democracia. Depois de longa luta, que implicou, a partir de meados dos anos 70, um pacto democrático-popular aliando trabalhadores, empresários e classes médias profissionais, a democracia foi reconquistada. Em seguida, colocou-se um problema econômico urgente a ser enfrentado - o da alta inflação. Foram, entretanto, necessários quase dez anos depois da redemocratização para resolvermos o problema, em parte porque não havia a

coragem para fazer o ajuste fiscal necessário e principalmente porque nossos economistas reproduziam as teorias externas, em vez de pensar com a própria cabeça e entender que o problema estava em neutralizar a inércia inflacionária.

Desde 1994, o Brasil ficou sem consenso e sem rumo, enquanto dois discursos se candidatavam à hegemonia. De um lado, o discurso da direita globalista, vindo de Washington, que dizia três coisas: primeiro, que o controle da inflação continuava a ser o principal objetivo, precisando ser enfrentado com rigidez fiscal acoplada a altos juros; segundo, que o maior problema do país era a falta de reformas que permitissem o livre funcionamento do mercado; terceiro, que, graças à abertura da conta financeira externa já realizada, o desenvolvimento ocorreria, agora aceleradamente, financiado por poupança externa.

O desastre que esse discurso representou é bem conhecido. Felizmente não sabemos o que teria acontecido se o discurso oposto, da esquerda burocrático-populista, tivesse prevalecido. De acordo com essa perspectiva, os males do Brasil vinham da globalização e do capital financeiro, que impunham ao país um alto endividamento externo e público. A solução seria renegociar a dívida externa e a dívida pública do país, exigindo-se um desconto. O segundo mal estava na insuficiência de demanda, que poderia ser resolvida com o aumento do gasto público. O mal maior, a desigual distribuição de renda, seria resolvido também pelo aumento do gasto público, especificamente pela ampliação do sistema assistencialista do Estado brasileiro. O primeiro discurso refletia a ampla hegemonia ideológica do Norte sobre o Brasil. Provinha principalmente da classe dos rentistas brasileiros, que vivem essencialmente de juros, e de economistas associados ao setor financeiro, mas era partilhada por uma ampla classe média superior, confusa e desorientada. O segundo vinha da classe média inferior e de setores sindicais e refletia a perspectiva da velha esquerda.

Nenhum dos dois discursos tinha possibilidade de alcançar um razoável consenso na sociedade brasileira, dada sua irracionalidade e seu caráter parcial. Nenhum dos dois refletia o interesse nacional. Com a vitória do PT nas eleições de 2002, os representantes do primeiro discurso temeram que o segundo passasse a ser aplicado, mas isso não ocorreu porque lhe faltava mais do que apenas racionalidade: faltava-lhe também apoio na sociedade civil brasileira, ou seja, na sociedade politicamente organizada, em que o peso de cada cidadão varia de acordo com sua riqueza, conhecimento e capacidade de organização.

Existirá um terceiro discurso que possa alcançar o consenso? Um consenso pleno não creio, mas um consenso que uma empresários do setor produtivo, trabalhadores, técnicos do governo e classes médias profissionais -um acordo nacional, portanto- é possível. Tal consenso terá que ver a globalização não como uma benesse nem como uma maldição, mas como um sistema de intensa competição entre Estados nacionais por meio de suas empresas. Terá que entender que, nessa competição, é fundamental fortalecer o Estado e dar condições às empresas nacionais de serem competitivas. Terá que dar-se conta de que o desenvolvimento nacional é o principal objetivo dos países ricos e terá que ser também o nosso.

Que esse desenvolvimento é impedido, no curto prazo, por uma taxa de juros básica decidida pelo Banco Central que se encontra, há muitos anos, em nível absurdo. Que, para alcançar o desenvolvimento, é essencial aumentar a taxa de investimento, devendo o Estado dar uma contribuição para isso por meio de uma poupança pública positiva, fruto da contenção da despesa de custeio. E que o desenvolvimento é impedido a médio prazo pela concentração de renda, que serve de caldo de cultura para o populismo.

Sobre esses pontos, um consenso será possível no quadro da democracia brasileira. Para isso, porém, teremos de pensar com nossa própria cabeça, estarmos decididos a chegar a um acordo nacional e entender a lógica do sistema econômico e político global.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

O conjunto da obra do governo Lula é muito bom, afirma banqueiro

“O conjunto da obra é muito bom. Em primeiro lugar porque o governo não tem mais a oposição do PT. Pelo menos não aquela oposição em bloco e em qualquer circunstância, ao estilo "si hay gobierno soy contra" [se há governo, sou contra]. Essa era uma das coisas que mais fazia mal ao país. Havia um partido que tinha cerca de 30% do eleitorado constantemente e que pregava o não cumprimento dos contratos. Isso perturbava toda a vida nacional e a posição do Brasil na comunidade dos países civilizados”, avalia Fernão Bracher, presidente do Itaú BBA, ex-presidente do Banco Central no governo Sarney, na entrevista publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 11-4-05. Segundo ele, “convinha a eles falar isso, e hoje viu-se que era um slogan eleitoral. Para o Brasil [com a eleição de Lula], abriu-se uma situação completamente nova, assumiu o poder a social democracia. Com a social democracia, vive-se perfeitamente, talvez até melhor do que sem ela. No sentido da estabilidade política, a forma como o governo do PT vem acontecendo é uma coisa muito boa”. Para Fernão Bracher, “o país ganhou um nível a mais dentro da estabilidade institucional com o governo do PT tendo mostrado a que veio”. E depois constata que “curiosamente, toda a parte social é uma tristeza”.

“O governo Lula vai muito melhor do que se esperava”, afirma banqueiro

“O governo Lula vai muito melhor do que se esperava. Ele sempre diz que encontrou o país falido e que ele conseguiu melhorar. Uma parte das dificuldades financeiras que ele encontrou, porém, foi decorrente da eleição do PT. O partido vencedor da eleição tinha um programa antigo que assustava os investidores. O presidente Lula assumiu e nomeou um ministro da Fazenda extraordinariamente capaz e anteriormente desconhecido, [Antonio] Palocci [Filho]. Nomeou para o Banco Central um banqueiro [Henrique Meirelles] que tinha feito carreira no Brasil e nos EUA. Isso levou a um crescimento da confiança financeira no Brasil muito grande e que está dando essa tranqüilidade”. A avaliação é de Olavo Setubal, banqueiro, presidente do Conselho de Administração do Banco Itaú na longa entrevista publicada no jornal **Folha de S. Paulo** de 15-4-05. Segundo Olavo Setubal, “o presidente enfrenta graves dificuldades na área social. É um problema grande demais no Brasil. A distribuição de renda gerou dois países: o país rico e o país pobre. O país rico, principalmente a classe média, não quer pagar para que os pobres atinjam um nível maior de desenvolvimento, e os ricos são muito difíceis de tributar. Os ricos investem os seus recursos, e o país precisa desse investimento. E a classe média já não agüenta mais tanto imposto. A equação do desenvolvimento brasileiro é muito complexa, como, aliás, é em toda a América do Sul. Esse é o desafio que o presidente Lula está enfrentando devagar e sempre, mas os resultados ainda não são muito visíveis”. Falando sobre os juros ele afirma: “Juros, como disse o meu amigo Fernão Bracher, que deixou a presidência do Banco Itaú BBA, em entrevista recente, ninguém ainda descobriu um método rápido de baixar, mas precisa baixar no Brasil”.

Lula, inspirado por João Paulo II, pede perdão pela escravidão

Um pedido de perdão pela escravidão no Brasil, na ilha de Gorée, de onde partiu grande parte dos navios negreiros do Senegal para o país, foi um dos últimos atos públicos do presidente Luís Inácio Lula da Silva em sua viagem de cinco dias pela África, encerrada dia 14 de abril. A notícia é do jornal **Valor**, 15-4-05. O pedido, declaradamente inspirado pelo exemplo do papa

João Paulo II, que fez o mesmo, ao passar pela porta "sem retorno" onde atracavam os navios negreiros, na Casa dos Escravos de Gorée, foi a maneira encontrada pelo presidente de enfatizar o aspecto político do recado transmitido por ele aos cinco chefes de estado que encontrou nesta semana, sobre a prioridade da África na diplomacia brasileira. Lula lembrou ao presidente senegalês, Abdoulayê Wade, ter visitado a África mais vezes que todos os outros presidentes brasileiros somados, e informou que fez questão de incluir o ensino de história e cultura africanas no currículo escolar, para mostrar como a escravidão, por três séculos, influiu no atraso do continente africano e na riqueza dos países desenvolvidos. Um dos acordos assinados por Lula durante sua visita, a quarta ao continente, estabeleceu o envio de professores africanos para ministrar essas disciplinas no ensino médio e superior no Brasil.

Insatisfação nascida nas pastorais chega ao episcopado e fragiliza relação com o Estado

O jornal **Valor** de 15-4-05, publicou uma ampla reportagem sobre as relações entre o governo Lula e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. A reportagem é assinada pelo jornalista Dermi Azevedo. Segundo a reportagem, as políticas sociais e moral desgastam relação Lula x CNBB. Segundo o jornal, nas bases, manifestavam-se os primeiros sinais de insatisfação. O primeiro bloco a criticar a política do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, foi o dos intelectuais, entre os quais juristas, como Fábio Konder Comparato e ex-parlamentares católicos, como Plínio de Arruda Sampaio, além de líderes sindicais; entre eles, o metalúrgico paulista Waldemar Rossi, que discursou para o papa, em sua primeira visita ao Brasil, em 1980.

O poder da Opus Dei no Brasil

A reportagem do jornal **Valor** acima citada, analisa também o poder da Opus Dei no Brasil. Segundo o jornal, "o poder da Opus Dei aumentou depois da eleição do papa João Paulo II, que costumava visitar sua sede, em Roma, quando era cardeal em Cracóvia. A obra foi encarregada, pelo papa, de participar da arrecadação de fundos, junto a grandes empresários, para cobrir o déficit orçamentário do Vaticano. Os seus dois representantes no conclave que escolherá o novo papa são os cardeais Juan Luis Cipriani, do Peru (que participou das negociações entre o governo Fujimori e os invasores da embaixada do Japão em Lima) e Alfonso López Trujillo, responsável pelo Conselho Pontifício para a Família, no Vaticano". Na verdade Alfonso Lopes Trujillo, não é da Opus Dei. O segundo cardeal da Opus Dei no conclave é um espanhol encarregado da revisão dos textos canônicos. Segundo o jornal, "no Brasil, uma das principais metas da Opus Dei é a ampliação do seu quadro de representantes na CNBB. Sua principal base é a Arquidiocese do Rio de Janeiro para onde foi nomeado recentemente, como bispo auxiliar, um padre da obra, Antônio Augusto Dias Duarte. Em São Paulo, um dos objetivos da Opus Dei seria o de assumir o controle financeiro da PUC para livrá-la das constantes dívidas e para dar-lhe uma orientação acadêmica dentro de sua linha de pensamento. Propostas nesse sentido teriam sido feitas aos cardeais Paulo Evaristo Arns e Cláudio Hummes, que as teriam recusado.

Mangabeira Unger lança candidatura pelo PHS

Notícia do jornal **Folha de S. Paulo** de 15-4-05: Com uma introdução feita pelo cantor e compositor Caetano Veloso, o PHS (Partido Humanista da Solidariedade) lançou ontem, em seu programa político na TV, o filósofo Roberto Mangabeira Unger como pré-candidato às eleições presidenciais de 2006. Após uma intervenção feita pelo deputado estadual Francisco Caminha (CE), presidente da legenda, o filósofo disse, sem mencionar a disputa eleitoral do ano que vem, que o seu esforço será "juntar gente e partidos para que o Brasil tenha opção". Mangabeira Unger detalhou seus três compromissos: estabelecer a carteira assinada como

"política social prioritária"; melhorar o ensino no país ; e "separar a política dos negócios".

Efeitos da seca debilitam toda a economia gaúcha

A estiagem que atingiu o Rio Grande do Sul está afetando negativamente toda a economia gaúcha. Comércio, indústria e os governos estadual e municipais já contabilizam prejuízos que vão muito além do setor agropecuário. No primeiro trimestre, a arrecadação de ICMS no Estado recuou R\$ 50 milhões (queda de 2%) em relação ao mesmo período do ano passado. Em São Paulo, ao contrário, o mesmo tributo apresentou ganho de 5,3%. O governo gaúcho estima uma perda total de ICMS de R\$ 300 milhões no ano. Os dados constam da ampla reportagem publicada, sob o título acima, no jornal **Valor**, 13-4-05. De acordo com o IBGE, o Rio Grande do Sul é o único Estado que acumula queda na produção industrial do primeiro bimestre. A retração foi de 1,6%, ante um aumento de 5,2% na média nacional. A queda no Sul refletiu o recuo em sete dos 14 ramos pesquisados, mas com forte impacto da retração de 11,8% na produção de máquinas e equipamentos.

Estiagem gera crise na economia gaúcha

Os prejuízos provocados pela estiagem que castigou o Rio Grande do Sul no fim de 2004 e durante os primeiros meses deste ano não se limitaram à agricultura e à pecuária e começam a se espalhar por outros setores da economia gaúcha. Como consequência da perda de renda no campo, o comércio e a indústria registram retração nas vendas, especialmente em regiões e segmentos mais ligados à produção primária, e a própria arrecadação de ICMS do Estado começa a recuar. No varejo, a constatação é que os consumidores gaúchos estão colocando o pé no freio, seja pela perda de poder aquisitivo, seja pelo "efeito psicológico" provocado pelo impacto da seca sobre a economia, afirma Gilson Grazziotin, vice-presidente do grupo Grazziotin, de Passo Fundo. De acordo com ele, as vendas da rede de mais de 180 lojas - 150 no Rio Grande do Sul - vêm registrando quedas de 10% a 30% nos últimos meses no Estado, ao mesmo tempo em que os clientes começam a dar preferência a produtos de menor valor. As vendas da indústria ficaram com o pior resultado. Segundo Igor Moraes, economista da Fiergs, houve queda de 6,11% no acumulado do primeiro bimestre na comparação com igual intervalo de 2004 e mostra tendência de desaceleração da economia. O resultado foi o segundo pior do país, que registrou média positiva de 2,5% nos dois meses.

Desaceleração provoca demissões no setor agrícola e na indústria

A desaceleração provocada na economia gaúcha em decorrência da seca já está custando o emprego de milhares de trabalhadores no Estado. As estatísticas e projeções ainda são preliminares, mas indicam corte pesado de vagas em alguns segmentos, como no próprio campo e nos fabricantes de tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas. Só no setor agrícola, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) estima um potencial de perda de 21 mil empregos diretos, explica Alexandre Barbosa, economista da entidade. O cálculo leva em conta o prejuízo estimado de R\$ 4,3 bilhões com quebras nas lavouras de soja, milho e arroz e a relação entre geração de empregos e a produção de riqueza no setor. Os fabricantes de máquinas e implementos agrícolas já demitiram 2 mil pessoas, de um contingente de 26 mil trabalhadores, desde janeiro. Até o fim do ano, o número pode aumentar para 5 mil. A estimativa é o presidente do Simers, o sindicato das indústrias do setor, Cláudio Bier. No comércio, as demissões ainda não se afastaram dos níveis "rotineiros" de rotatividade para esta época do ano, afirma o secretário-geral da Federação dos Trabalhadores do Comércio no Estado (Fecosul), Moacir Sales. De acordo com ele, a situação deve ficar mais difícil para a categoria, que reúne 300 mil assalariados, a partir do início do segundo semestre,

quando a queda na renda das cidades do interior pode ficar mais aguda. Em Santo Ângelo, o secretário municipal de Indústria e Comércio, João Baptista da Silva, teme que até 10% da força de trabalho empregada na cidade, estimada em 25 mil pessoas, corre o risco de ficar desempregada a partir da metade do ano.

Nasce parceria que reúne um terço da humanidade

A China e a Índia concordaram ontem em formar uma parceria estratégica, com as duas potências emergentes da Ásia criando um vínculo diplomático que unirá cerca de um terço da população mundial - mais de 2,3 bilhões de pessoas. O acordo - assinado durante a visita de quatro dias do primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, à Índia - reflete mudanças históricas nas relações entre os dois países e um novo passo na ofensiva de charme lançada por Pequim, que tenta construir alianças com seus vizinhos e garantir estabilidade regional para seu crescimento econômico. Os dois países também concordaram com um roteiro para encerrar décadas de disputas fronteiriças. Foram acertados acordos para ampliar os vôos de passageiros, expandir a cooperação militar e o comércio entre as duas nações mais populosas do mundo. A notícia foi publicada pelos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Le Monde**, 12-4-05. Para os EUA e o restante do mundo, os efeitos da parceria dos gigantes asiáticos podem ser profundos. Nos próximos anos, podem significar maior pressão para baixar os salários, mais terceirização de empregos, grande competição por investimentos e altos preços para recursos escassos. Hoje, o crescimento simultâneo da Índia e da China tem poucas comparações na história moderna, dizem economistas. Segundo o Banco Mundial, seu crescimento combinado ajudou a reduzir para 20% a população vivendo em extrema pobreza em 2001, dos 40% de duas décadas atrás.

Marcha nacional do MST inicia dia 1º de maio

“Analisando diversos fatores relacionados com a conjuntura política e com a necessidade de preparação da logística da nossa marcha, a direção nacional do MST, após também consultar aos diversos movimentos da via camponesa, tomamos a decisão de mudar a data da marcha nacional”, afirma comunicado da direção nacional do MST. “Assim, continua a nota, gostaríamos de avisar a todos e a todas, que o calendário de mobilização será o seguinte: 01 de maio: Grande ato político-ecumênico, em Goiânia, em Homenagem ao dia do trabalhador. E concentração e chegada de todos marchantes 02 de maio Largada da Marcha, do estádio Serra Dourada. 05 de maio Ato político no centro de Anápolis. 17 de maio: Chegada a Brasília, largada da Passeata do Parque da cidade. E realização de grande ato político em frente ao congresso”. A nota informa ainda que “estaremos caminhando com dez mil companheiros e companheiras, vindos de 23 estados do Brasil e de centenas de municípios”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

O Agronegócio o melhor negócio

“Certo de que o 'agro é o melhor dos negócios brasileiros” – Antonio Palocci, ministro da Fazenda - **O Estado de S. Paulo**, 15-4-05.

Como baixar a taxa de juros?

“Ninguém sabe como baixar a taxa de juros. Mesmo os inimigos dos juros altos, que criticam a política monetária atual, dizem que é preciso reduzi-los com calma, com cuidado, devagar” – Fernão Bracher, presidente do Itaú BBA, ex-presidente do Banco Central - **Folha de S. Paulo**, 11-4-05.

Pontificado mais curto

*“Para falar francamente, havia gente, dentro e fora da igreja, torcendo pelo término o quanto antes do pontificado de João Paulo 2º. Agora, talvez os cardeais desejem mesmo um pontificado mais curto. Neste caso, o escolhido será alguém saudável, mas sem o vigor de ferro de João Paulo 2º, um homem que poderia ter superado a barreira dos 100 anos de vida, não fosse o atentado de que foi vítima em 13 de maio de 1981” – D. Aloísio Lorscheider, cardeal, arcebispo emérito de Aparecida do Norte – **Folha de S. Paulo**, 17-4-05.*

As mulheres na igreja

*“A cerimônia dos funerais na praça São Pedro foi eloqüente: não havia uma só mulher que tivesse um papel importante nos pavimentos da basílica de São Pedro” – Hans Küng, teólogo alemão - **Libération**, 14-4-05.*

Há vida depois do FMI

*“O FMI sempre vai encontrando um novo problema para nos colocar no caminho. Mas há vida depois do Fundo” – Néstor Kirchner, presidente da Argentina - **Clarín**, 15-4-05.*

Banco é um negócio superlucrativo

*“Nós formamos um banco exatamente para evitar pagar aquilo que pagávamos aos bancos para nossas operações. Por isso fundamos um banco. Hoje, o banco é um negócio superlucrativo e organizado. Nós queríamos evitar certos pagamentos que se faziam de graça para certos camaradas financeiros. Nós preferimos ficar dentro de casa. Só que, naturalmente, o negócio é tão bom que cresceu demais. O negócio é o seguinte: o lucro do Banco Votorantim é quase igual ao da CBA (Companhia Brasileira de Alumínio). A CBA lucrou uns R\$ 650 milhões no ano passado” – Antonio Ermírio de Morais, empresário – **Folha de S. Paulo**, 17-4-05.*

Lucro fácil

*“Fico triste por ver que uma coisa tão fácil ganha mais do que um negócio que me tomou a vida inteira para trabalhar, um trabalho há 50 anos. O banco (Votorantim) é muito fácil e, basicamente, o lucro do banco é igual ao da CBA. Não tenho prazer nisso, fico até triste, não é prazer, não. É uma distorção” - Antonio Ermírio de Morais, empresário – **Folha de S. Paulo**, 17-4-05.*

*“A CBA (Companhia Brasileira de Alumínio) hoje emprega mais de 5.500 pessoas. O banco (Votorantim) tem umas 370, 400 pessoas” - Antonio Ermírio de Morais, empresário – **Folha de S. Paulo**, 17-4-05.*

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Abrindo o Livro

*Mais um polêmico livro será apresentado à comunidade acadêmica da Unisinos na próxima atividade do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. Na referida ocasião, a professora Dr.^a*

Anna Carolina Krebs Pereira Regner, do PPG em Filosofia da Unisinos, fará a apresentação do livro ***On the Origin of Species by Means of Natural Selection or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life***, de Charles R. Darwin, no próximo dia 20 de abril, das 19h45min às 22h, na sala 1G119 do IHU. Graduada em Filosofia pela UFRGS, Anna Carolina é mestre em Filosofia pela PUCRS, tendo sua dissertação o título *Sobre o valor epistemológico da objetividade como critério metodológico do conhecimento científico: uma perspectiva contemporânea*. É doutora em Educação pela UFRGS e escreveu a tese intitulada *A natureza teleológica do princípio darwiniano de seleção natural: a articulação do metafísico e do epistemológico na Origem das Espécies*. Anna Carolina é também pós-doutora pela Stanford University, dos Estados Unidos. Escreveu ***Charles Darwin, notas de viagem: a tessitura social no pensamento de um naturalista***. Porto Alegre: EST/Grafosul, 1988.

De Anna Carolina Regner publicamos um artigo na 116ª edição do **IHU On-Line**, de 21 de setembro e 2004. Ela apresentou o livro ***Análíticos e continentais***, de Franca D'Agostini, no evento **IHU Idéias** de 16 de maio de 2002.

Confira a entrevista que a professora concedeu ao **IHU On-Line**, por e-mail, na última semana, comentando aspectos do livro que será por ela apresentado na próxima quarta-feira.

IHU On-Line - Quais seriam as características que mais destacaria da obra *On the Origin of Species by Means of Natural Selection or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*, que fazem com que se torne uma obra polêmica e de difícil acesso, como é a característica das obras apresentadas no evento *Abrindo o Livro*?

Anna Carolina - A *Origem das Espécies*¹⁴ foi, desde seu lançamento (1859), uma obra polêmica, mas não de difícil acesso, porque logo teve sua edição esgotada. Esta obra e o assunto da unificação italiana tornaram-se tema “das mesas de jantar”. Habitualmente apontam-se motivos religiosos para a polêmica, mas, de fato, crenças e procedimentos científicos foram igualmente afetados. Do ponto de vista religioso, sua obra não atacava a crença no Criador nem dependia dela, referência feita em seu parágrafo conclusivo, mas atacava o criacionismo no sentido técnico de que cada espécie era produzida pelo Criador por um ato especial de Criação. Hoje, na comunidade científica, Darwin é mais citado do que diretamente lido, mesmo entre os “darwinistas”, que compartilham o “neodarwinismo”: as polêmicas sobre o papel preponderante ou não da seleção natural entre os mecanismos naturais que determinam a evolução. O caráter mais polêmico da obra tem sido criado por fundamentalistas americanos que querem ter espaço para a explicação bíblica (literal) da gênese do homem e dos seres naturais, contrária à explicação evolucionista. Seu ataque mais “sofisticado” repousa em um ponto que já fora levantado a Darwin: falta de “prova” empírica. O que esse ataque desconhece (ou finge desconhecer) é que o conceito de “prova empírica” é bastante complexo e que os critérios de aceitabilidade empírica mudaram bastante, para tanto tendo definitivamente contribuído a análise da teoria do próprio Darwin. Para citar exemplos dessa mudança, existe o trabalho de Philip Kitcher¹⁵ e de Elliot Sober¹⁶, para citar dois dos mais

¹⁴ Edição portuguesa: ***A Origem das Espécies***. São Paulo. Hemus, 1977 (Nota do **IHU On-Line**)

¹⁵ Nascido em Londres, em 1947, Philip Kitcher estudou Matemática no College Cambridge. Depois, frequentou a Princeton University, onde obteve o PhD em Filosofia/História e em Filosofia da Ciência. Desde então, passou a ensinar no Vassar College, na University of Vermont, na University of Minnesota, na University of Califórnia, em San Diego, e, mais recentemente em Columbia. Entre seus diversos livros publicados, citamos ***Science, Truth, and Democracy***. Oxford University Press, 2001; ***In Mendel's Mirror: Philosophical Reflections on Biology***. Oxford University Press, 2003; ***Finding an Ending: Reflections on Wagner's Ring*** (com Richard Schacht). Oxford University Press, 2004. (Nota do **IHU On-Line**)

¹⁶ Elliot Sober é professor do Departamento de Filosofia da University of Wisconsin, em Madison, nos Estados Unidos. É mestre em Ciência da Educação e obteve Ph.D pela Harvard University. Entre suas obras publicadas, citamos ***From a***

reputados filósofos da ciência e da biologia em particular. Pode-se dizer que, sob múltiplos aspectos, a leitura da *Origem das Espécies* é uma aula de filosofia da ciência, também! Quanto ao difícil acesso, hoje, caso exista essa dificuldade, ela pode ser devido ao desenvolvimento extremamente circunstanciado de sua narrativa para aqueles que têm pressa em sua leitura!

***IHU On-Line* - O argumento da Origem das Espécies é apresentado por Darwin como uma metáfora?**

Anna Carolina - O argumento darwiniano vale-se, de modo bastante inovador, do uso de metáforas, mas vale-se também de vários outros recursos e procedimentos explicativos. Metáforas que acompanharam seu pensamento desde seus Notebooks de 1837 e persistiram até a edição inglesa da *Origem das Espécies* de 1872 (última revisada pelo próprio Darwin) desempenharam um papel articulador central em sua trajetória intelectual.

***IHU On-Line* - Por que o conceito darwiniano de natureza pode ser considerado fundante? Qual era sua concepção da vida e do universo?**

Anna Carolina: Embora, em seu último parágrafo da *Origem*, Darwin use uma imagem do movimento planetário para dar conta de como novas formas vão evoluindo, uma imagem que o acompanhou desde o início de suas elaborações, Darwin não se ocupou do Universo como tal. E, como frisou também na *Origem*, não se ocupou da origem da vida, além de uma breve passagem em seu capítulo conclusivo, em que diz que todos os seres vivos têm muito em comum na sua composição química, estrutura celular, leis de crescimento e em sua sujeição a influências injuriosas e, logo adiante, que não é inacreditável que todos os animais sejam descendentes de uma forma primordial (p.425). Quanto ao conceito de natureza na *Origem*, ele pode ser considerado fundante, porque, juntamente com o de seleção natural e o de luta pela existência, provê o estofo e a moldura teórica para sua explicação da ação da seleção natural na produção de novas espécies, além de permitir integrar a sua investigação em diversas áreas e níveis. De um lado, como o próprio índice indica, a obra percorre todas as áreas da História Natural, para responder à questão: como novas espécies são produzidas – há, pois, uma exigência epistemológica. De outro, essas áreas integram-se em uma visão de natureza, que Darwin define como um sistema de leis e, logo a seguir, como um poder de agir sobre toda a maquinaria da vida. Essa visão tem seu retrato privilegiado no quadro que descreve como “luta pela existência” e no qual a “seleção natural” aparece como seu princípio constitutivo e, ao mesmo tempo, seu efeito (essa relação traz uma visão de causalidade que foge aos padrões de Hume e de Kant) – há, logo, uma exigência não só epistemológica, como ontológica, e ambas se refletirão na riqueza e flexibilidade metodológica da investigação darwiniana.

***IHU On-Line* - Por que considera importante que o livro seja aprofundado em um ambiente universitário e transdisciplinar? Como ele pode ajudar a compreender de outro modo o conceito de ciência?**

Anna Carolina: Conforme já referi anteriormente, o livro é em si mesmo uma oportunidade de refletir não só sobre sua questão precípua: a origem das espécies por seleção natural, mas pela natureza e relação que estabelece entre as diversas partes que compõem a investigação da

Biological Point of View: Essays in Evolutionary Philosophy. Cambridge University Press, 1994; *Unto Others: The Evolution and Psychology of Unselfish Behavior* (com David S. Wilson). Harvard University Press, 1998; e *Adaptationism and Optimality* (com Steven Orzack). Cambridge University Press, 2001. (Nota do *IHU On-Line*).

natureza antes conhecida por História Natural. Há uma visão integradora da natureza, que remete a uma articulação do epistemológico e do ontológico nessa investigação. Sua leitura ensina-nos muito sobre o que seja a argumentação científica “em ação” e nos desvela uma visão de ciência que eu diria ser muito mais instigante, flexível, criativa e construtiva do que aquela dos manuais usuais.

IHU On-Line - Quais as releituras de Darwin que têm surgido contemporaneamente que mais destacaria? Tem havido uma releitura por parte de algumas teologias das idéias de Darwin?

Anna Carolina: A “indústria darwiniana”, como é chamada a exploração dos filões abertos pela leitura de Darwin, continua em franca atividade. São muitas as releituras, sob diferentes aspectos, e não é tarefa fácil destacar uma ou outra. Como, de qualquer modo, grandes nomes seriam involuntariamente esquecidos, seleciono-os, segundo o impacto que tiveram em minha leitura, *The Triumph of the Darwinian Method*, de Michael Ghiselin (Chicago: The University of Chicago Press, 1984), *The Young Darwin and His Cultural Circle*, de Edward Manier (Boston: D. Reidel Publishing Company, 1978) e *Darwin's Achievement*, um artigo de Philip Kitcher (In: RESCHER, N. *Pittsburgh Studies in the Philosophy of Science*, 1984). Considero Manier, em particular, o comentarista de Darwin mais interessante. O ponto de vista teológico não tem sido objeto de minha análise, mas, afora a desastrosa interpretação fundamentalista, há trabalhos dedicados a questões teológicas em Darwin, como o de Michael Ruse em *Darwinism and atheism: different sides of the same coin?* (*Endeavour* vol. 22, 1, 1998, 17-20), ou estabelecendo paralelos entre Deus, natureza e seleção natural, como o faz Ralph Burhoe, em seu artigo *Natural Selection and God* (*Zygon*, Sept. 11, 1972, 31-63), contestando a morte de Deus apreçada por Nietzsche e vendo-O renascer muito mais vivo das ciências.

IHU Idéias

A última edição do evento **IHU Idéias**, realizada dia 14 de abril, teve à frente o professor MS Antônio Carlos Nedel, da Unidade de Ciências Jurídicas da Unisinos, falando sobre o tema *Direito: uma visão prático-humanista*. O professor fez uma perspectiva histórica do Direito, falando sobre a visão do direito romano, na época medieval, fundamentado na ética aristotélica, depois abordou a ruptura dessa visão com o positivismo do século XIX e encerrou falando da concepção de direito hoje, que faz seu papel de “justiça” baseado em leis. O tema desenvolvido por Nedel, em sua tese de doutorado, propõe uma visão prático-humanista do direito, pela qual a justiça é feita com base nos ideais do humanismo social cristão. Confira na 136ª edição do **IHU On-Line** a entrevista por ele concedida sobre o tema.

Ecos do evento

“Foi um evento muito importante porque eu não tinha uma noção do Direito com aquela dada pelo professor. Ele caracterizou o Direito de forma interdisciplinar, tendo que começar pela Filosofia para chegar ao Direito propriamente dito. Foi a primeira vez que vi um palestrante falar o tempo todo sem se reportar nenhuma vez à consulta, o que demonstra a ótima capacidade do professor Nedel. Não foi à toa que dois professores acharam a exposição brilhante. Me marcou a questão da conexão filosófica com a questão do Direito e a transformação para o direito técnico, mais precisamente o direito de hoje, no qual o advogado nada mais é do que um

aplicador de técnicas e normas com origem na razão, tendo abandonado a questão do discurso de uma avaliação moral e ética”.

Fernando Ferro, aluno da graduação em Ciências Sociais na Unisinos.

“Gostei do estudo histórico que o professor Nedel fez do Direito e da justiça através do Direito, principalmente através dos gregos, destacando Aristóteles, ao falar da origem da jurisprudência, considerada a prática do Direito com prudência. O Direito tem que ter bom senso, referencial ético. Também me chamou a atenção que, na Idade Média, o Direito foi transposto para o nível teológico e espiritual, pelo qual a justiça e a verdade se fundamentavam em Deus. O Direito passou a ser mais um humanismo reflexivo, mas ainda com base prática numa ética que os antigos gregos tinham como herança. Num terceiro momento, chamou-me a atenção a passagem do Direito na modernidade, na qual ele passou a ser uma ciência racional relativa e positivista, baseado mais em fatos a priori previstos em lei, com normas e aplicação dessas normas. A partir da modernidade, com o Direito transformado em ciência racional, o critério deixou de ser a justiça, e a base do Direito passou a ser a lei, feita pelos legisladores. O último elemento que me marcou, e o grande sentido da tese de Nedel, é que ele tenta resgatar elementos teológicos e filosóficos da antiga Grécia, através de uma prática humanista de direito, que se opõe a essa concepção que o professor chamou de mercantilista do Direito. A frase marcante foi aquela que disse: “Toda norma que não tiver um fundamento ético não pode ser jurídica”.

Laurício Neumann, professor na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos e colaborador do IHU.

TEOLOGIA DO DIALOGO INTER-RELIGIOSO

O último **IHU Idéias** do mês de abril de 2005 acontecerá no próximo dia 28 e terá como tema *Teologia do Diálogo Inter-Religioso*. O assunto será desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Andreatta, professora na Unisinos e colaboradora do IHU. **IHU Idéias** é um evento semanal gratuito, que acontece às quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de maio

05/05/05 – “Biodiversidade em crise” - Prof. Dr. Carlos Roberto S. Dutra Fonseca – Unisinos

12/05/05 – “Floresta com Araucária, sua riqueza faunística e ameaças a esse bioma” – Prof. Dr. Emerson Monteiro Vieira – Unisinos

Encontros de ética para alunos

O tema *Ética Ambiental* será a pauta da próxima edição do evento **Encontros de ética**, que acontecerá na próxima segunda-feira, dia 25 de abril, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. O responsável pela discussão será o Prof. Dr. José Roque Junges¹⁷, do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos. O evento é

¹⁷ Do Prof. Roque já publicamos uma entrevista no **IHU On-Line** número 48, de janeiro de 2003. Ele listou, na edição número 73, de 1º de setembro de 2003, os autores que influenciam sua trajetória acadêmica. Também realizamos uma entrevista com ele na 106ª edição do **IHU On-Line**, de 21 de junho de 2004, sobre sua palestra no evento **Ciclo de Estudos sobre “O Método”, de Edgar Morin**, ministrada dia 24 de junho de 2004. Sobre a edição de 2005, do mesmo evento, o professor Roque elaborou um artigo, que foi publicado na 129ª edição, de janeiro de 2005. Ele também foi o responsável por apresentar o evento **Abrindo o Livro**, sobre a obra **Adeus ao Corpo. Antropologia e Sociedade**, de David Le Breton, em 12 de agosto de 2004. (Nota do **IHU On-Line**)

gratuito e aberto à comunidade acadêmica e em geral. José Roque Junges é autor do livro **Ética ambiental** (São Leopoldo: Unisinos, 2004), apresentado no evento **Sala de Leitura**, no último dia 05 de abril. Graduado em Filosofia, pela PUCRS, mestre em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, na Itália, Junges também é autor de **Bioética: perspectivas e desafios**. São Leopoldo: Unisinos, 1999; **Ecologia e criação – Resposta cristã à crise ambiental**. São Paulo: Loyola, 2001; e **Evento Cristo e Ação Humana: Temas fundamentais da Ética teológica**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

Acompanhe, a seguir, o artigo que o professor José Roque Junges elaborou especialmente para o **IHU On-Line**. Os subtítulos são nossos.

Ética Ambiental

A solução dos problemas ecológicos não depende apenas de procedimentos técnicos que conseguem apenas minimizar os efeitos destruidores da intervenção humana no ambiente natural, mas requer uma mudança paradigmática na vida pessoal, na convivência social, na produção de bens de consumo e, principalmente, no relacionamento com a natureza. A resposta aos desafios ecológicos é, portanto, mais ética do que técnica. Ela aponta para uma mudança comportamental. A técnica não terá condições de descobrir sempre novas soluções para reparar os estragos ambientais, se continuar o ritmo frenético da exploração e do desfrute dos recursos naturais. É necessário encontrar um modo de convivência mais harmônico e respeitoso com a natureza. Ora isso depende de opções éticas que motivem mudanças de rota no uso dos recursos naturais e na produção e consumo de bens. A ética ambiental tenta refletir sobre a necessidade e viabilidade dessas opções.

As duas correntes de ética ambiental

Hoje existem duas grandes correntes de ética ambiental: uma *antropocêntrica* e outra *biocêntrica*. A primeira está centrada no ser humano, defendendo que é necessário mudar as suas atitudes em relação aos bens naturais, procurando conscientizá-lo de que é preciso pensar nos nossos pósteros que também têm direito a esses bens ou de que a natureza tem um valor intrínseco e moral para o ser humano, independente de seu valor material. Essa primeira versão antropocêntrica é denominada de *conservacionista*, porque pretende conservar a natureza como valor material de uso para as gerações futuras. O problema dessa visão é a sua compreensão utilitária. A outra é *preservacionista*, pois pretende preservar a natureza em si mesma e não por sua utilidade material, já que a convivência e o contato com o ambiente natural educam eticamente o ser humano. Quem vive de uma maneira congruente com a natureza, aprende a desenvolver uma convivência social harmônica.

A tendência *biocêntrica* defende que o problema é o ser humano, sendo necessário ampliar a visão, centrando-se nos seres vivos. Ela também tem duas versões: uma mais *mitigada* e a outra mais *radical*. A primeira está preocupada com a proteção da vida de seres individualizados. Ela se expressa no movimento que patrocina a defesa dos direitos dos animais. Trata-se de uma ampliação da categoria antropomórfica de direitos para os animais superiores. O problema dessa concepção é a transposição para os animais de uma categoria individualista humana. A outra versão *biocêntrica* é mais *radical*, porque se preocupa com a preservação de ecossistemas e não tanto com seres vivos individualizados. A vida é cuidada em toda sua amplitude, quando é preservado o ambiente de interconexões vitais de um ecossistema. Expressões científicas dessa visão holística e ecossistêmica da vida são a **Teoria da Biosfera**, de Wladimir Vernadsky, e a **Hipótese "Gaia"**, de James Lovelock.

Tendências antagônicas de ética ambiental

Antropocentrismo e biocentrismo são duas tendências antagônicas e irreconciliáveis de ética ambiental ou é possível conjugá-las? Por ser ética, ela não pode abdicar do ser humano, pois só ele constrói ética e por ser ecológica, ela precisa centrar-se no ambiente vital. Em sua formalidade, a ética é antropocêntrica, porque é dirigida a seres humanos, não a seres vivos. Em seu conteúdo, ela é biocêntrica, porque se trata de incluir todos os seres vivos na consideração moral.

Crise ecológica: necessidade de novas formas de enxergar o mundo e a natureza

A crise ecológica não significa apenas o surgimento de problemas ambientais, exigindo resposta, mas a necessidade de novas formas de enxergar o mundo e, em especial, a natureza. A solução não está em mudanças que apenas procuram obviar as consequências funestas do uso de uma técnica invasiva dos equilíbrios homeostáticos da natureza. Parece indispensável uma mutação cultural que supere a visão redutora e alcance um enfoque mais global da natureza. Trata-se da passagem de um reducionismo científico-metodológico, que fragmenta a natureza para conhecê-la, a uma cultura sistêmica que compreende as inter-relações presentes no ambiente.

Portanto, trata-se da emergência de um novo paradigma cultural, identificado com a ecologia que percebe a realidade em suas interconexões vitais, e não como pura soma de entidades individuais como leva a crer a modernidade. Significa igualmente a ampliação da pura perspectiva intersubjetiva dos humanos, tentando incluir a consideração das interdependências e interligações com todos os seres vivos e com os ecossistemas e a biosfera. O surgimento desse novo paradigma cultural é a base da ética ambiental que aponta para uma correspondente visão antropológica e forma de entender a ética.

Ética ambiental e ética das virtudes

A ética ambiental desperta para a necessidade de um câmbio na própria autocompreensão do ser humano, levando a superar a visão antropológica individualista e dominadora, veiculada pela modernidade, acordando para sua interdependência com a natureza e para a perspectiva do cuidado. Faz igualmente compreender que não bastam puras normas jurídicas e procedimentos morais, conforme prega a concepção moderna de ética. Necessita-se da clássica ética das virtudes que estimule atitudes empáticas de cuidado em relação aos seres vivos e no confronto com os ecossistemas. O cuidado não pode ser normatizado em procedimentos, mas interiorizado em atitudes que expressem comportamentos de biofilia. Essas questões antropológicas e éticas despertadas pela nova compreensão do ambiente natural abrem a possibilidade e a urgência de uma leitura ecológica da própria teologia cristã da criação. A crise ecológica é o resultado do drástico desajuste entre os processos cíclicos, conservadores e auto-recorrentes da ecosfera e os processos lineares e inovadores que buscam a maximização a curto prazo dos benefícios produzidos pela tecnosfera. Para fazer frente a essa crise, a humanidade precisa aprender a ajustar os seus ritmos tecnológicos com os da biosfera. Devido ao seu estranhamento em relação à natureza, o ser humano necessita alfabetizar-se nos princípios ecológicos para conseguir, de novo, auscultar o ritmo das pulsações da biosfera.

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Na última semana, dia 14 de abril, mais uma palestra do evento **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, foi realizada. O tema *Analisando o pensamento econômico de Malthus e Ricardo* foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Gentil Corazza, da UFRGS. O professor concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail, na 136ª edição, comentando a importância para as Ciências Econômicas dos dois autores estudados.

Ecos do evento

“A palestra foi interessante porque o professor conseguiu juntar os dois pensadores de uma forma fácil de entender, com uma linguagem acessível até para mim, que ainda não tenho muita noção na área. Ajudou muito a contextualização com o período histórico dos autores, que tiveram idéias contraditórias. Paralelo a isso, a visão de Keynes também foi enriquecedora. Foi uma explicação coerente”.

Eduarda Correa, aluna da graduação em Ciências Econômicas na Unisinos.

“Os autores estudados estão muito presentes no currículo do nosso curso, mas alguns tópicos apresentados pelo professor Corazza vieram agregar valor, pois não se tocam neles todos os dias. O professor fez voltar a clarear algumas idéias ao tocar nelas novamente. Estudar os clássicos da economia é fundamental, pois, é um assunto que vai ser pertinente a toda a nossa formação, durante a universidade e após sair dela também. Destaco, na explicação, a visão de Ricardo da divisão internacional do trabalho”.

Alex Gasparetto, aluno da graduação em Ciências Econômicas na Unisinos.

IHU tem novo sítio

Depois de dois anos no ar, com mais de 52 mil acessos, o sítio do IHU muda, acompanhando as mudanças da página da Unisinos. Mais *clean*, desdobrado em duas páginas, uma, exclusiva para o boletim **IHU On-Line**, a nova página entra no ar, hoje. É possível que a atualização diária da página, nos dois primeiros dias, sofra algum atraso devido aos ajustes técnicos necessários. Mas isto será algo temporário. Aproveitamos o momento para agradecer a todos e todas que nos escrevem, nos criticam, sugerem, enfim, nos animam neste trabalho. Esperamos que o novo sítio propicie uma maior interatividade entre todos e todas nós.

Terra Habitável discute economia e ética

O ano internacional da Física será comemorado pelo Instituto Humanitas Unisinos no **Simpósio Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, homenageando o ano miraculoso do físico Albert Einstein, o centenário de nascimento do padre Balduino Rambo e o cinquentenário da morte do teólogo Teilhard de Chardin. Sob uma perspectiva transdisciplinar, importantes especialistas nacionais e internacionais estarão presentes, debatendo ciência, filosofia e teologia. O evento acontecerá nos dias 16, 17, 18 e 19 de maio. O Prof. Dr. Gilberto Dupas proferirá a conferência inaugural, abordando questões de economia e ética no dia 16 de maio, das 18h às 19h30min, seguido de debate. Dupas é presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI), centro multidisciplinar de reflexão e análise sobre questões econômicas e internacionais. Participa também do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional (Gacint) da USP.

Conforme a concordância dos coordenadores de curso de graduação da Unisinos, as horas do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade** valerão como atividade complementar para os seguintes cursos: Ciências Biológicas, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Direito, Geologia, Física, Engenharia Civil, Letras e Pedagogia.

As inscrições para o evento já estão abertas. Mais informações no sítio <http://www.unisinos.br/simposio/terra-habitavel/>.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Lauri Müller

*Na edição desta semana, o leitor irá conhecer um pouco da vida de Lauri Müller, antigo funcionário da Unisinos e hoje funcionário da Dalkia, empresa que presta serviços de manutenção no câmpus da Universidade. Lauri é responsável pelo controle e monitoramento de pragas e insetos e membro da central de resíduos, que cuida da reciclagem de papel na Universidade. Na conversa que teve com o **IHU On-Line**, ele contou sua história de vida, descrevendo-se como uma pessoa bastante calma. Suas características mais marcantes são a facilidade de fazer amizades e de perdoar. “Difícilmente me aborreço. Perdoar é divino e não tenho problemas em fazê-lo”, explica. Lauri diz que prefere não julgar os outros. “Tenho o coração aberto. Gosto de conversar, sempre passando uma mensagem positiva. Passo adiante o que aprendi, para que os outros possam sentir a mesma felicidade que eu”.*

Origens – Nasci no interior de São Leopoldo, onde vivi até os 15 anos. Meu pai era músico, tocava trombone e trompete em uma banda. Também era mascate, vendendo roupas de casa em casa. Somos sete irmãos, e eu sou o quinto filho. A vida na colônia tem suas dificuldades, mas também nos dá um grande aprendizado. Meu pai viajava muito e quando a mãe ficava doente, nós tínhamos que aprender a fazer as coisas da casa e a cuidar dos irmãos menores. Meu pai faleceu há 18 anos, e minha mãe vive com um pouco de dificuldade, porque teve que amputar as duas pernas. Ela se aborrece, porque não pode caminhar. Eu digo a ela: “Mãe, a senhora nos carregou por tantos anos. Agora é a nossa vez de levar a senhora no colo”. Temos que aceitar o que vem de Deus.

História de infância – Houve uma época em que eu trabalhava das 7h às 19h, plantando mandioca, para comprar, com o dinheirinho que eu ganhava, tabletes de manteiga. Só que nós não tínhamos geladeira na época. Então eu colocava dentro do arroio, para que ela ficasse firme. Quando queria tomar café, tinha que ir lá no arroio para pegar a manteiga. Eu tenho orgulho disso, porque me ensinou a valorizar as coisas.

Formação – O primeiro colégio onde estudei, até a 3ª série, foi no Morro do Paula, na Escola Emilio Mayer. Depois continuei em Lomba Grande, na Escola Madre Benícia, onde cursei até a 6ª série. Terminei o primeiro grau no Colégio Polisinós, em São Leopoldo. Em 1980, fiz um curso de torneiro mecânico, no Senai. Faz três anos que completei o segundo grau no Colégio Villa Lobos, aqui de São Leopoldo.

Profissão – Meu primeiro emprego, uma espécie de estágio do curso de torneiro mecânico, que fiz no Senai, foi na Fortuny Mepema, empresa que trabalhava com virabrequins e máquinas agrícolas. Depois trabalhei na Usiterm, fazendo tratamentos térmicos de materiais para máquinas. Trabalhei em mais alguns lugares, inclusive em uma matrizaria de jóias, em Sapucaia, e em uma fábrica de máquinas especiais para calçados, em Campo Bom. Tive uma tornearia própria, que acabei fechando por dificuldades econômicas. Em 1990, comecei a trabalhar na Unisinós, como torneiro mecânico, ficando nesse cargo até 1997. Depois, passei a produzir os produtos químicos de limpeza utilizados no câmpus, com a ajuda do padre Guido Wenzel¹⁸, que fazia as fórmulas. Depois passei a atuar também no Projeto Verde Câmpus¹⁹, trabalhando na Central de Resíduos, que centralizou o processo da obtenção da ISO 14001²⁰, no ano passado. Em 2003, com a terceirização dos serviços de manutenção da Unisinós, fui demitido. Depois de 11 meses em casa, fui novamente chamado para trabalhar na Dalkia, a empresa que presta serviços para a Unisinós. Continuei a trabalhar aqui, onde estou até hoje, desempenhando as mesmas funções de antes. Também assumi o trabalho de controle das pragas e insetos da Universidade. Trabalhamos com produtos biológicos, atóxicos, que não prejudicam a saúde das pessoas.

Família – Sou casado com a Adriana, há 19 anos. Conhecemo-nos fazendo *cooper*. Nossa relação sempre foi boa, desde o início do namoro, até porque meu pai e meu sogro eram amigos de infância. Temos dois filhos: a Aline, de 15 anos, e o Anderson, de 12. A família é tudo para mim. O ser humano, desde que nasce, trabalha e luta em busca do seu futuro, e a família é o que de mais sólido as pessoas podem encontrar. A experiência de ser pai é fantástica. Minha primeira filha nasceu prematura, com sete meses. Ficou 25 dias na UTI por não ter ainda os órgãos totalmente formados. Nem as unhas tinha. Foi uma situação preocupante, mas a alegria de ser pai não tem como explicar. Nunca achei bebês recém-nascidos bonitos, mas quando vi a Aline pela primeira vez, achei-a linda. É isso que significa ser pai, tudo se torna bonito.

Vivência paroquial – Eu e minha família atuamos intensamente na igreja. Sou ministro da Eucaristia e coordenador de catequese na paróquia Nossa Senhora das Graças, no bairro Feitoria, de São Leopoldo. Temos desenvolvido bastante esse trabalho pastoral, de comunidade. Sinto-me muito feliz em poder fazer isso.

¹⁸ Prof. Dr. Pe. Guido Edgar Wenzel, SJ, mestre e doutor em Ciências (Bioquímica), é professor e pesquisador em Química e Bioquímica, coordenador dos laboratórios da Área de Conhecimento e Aplicação de Química na Unisinós, coordenador das atividades da vidraria e membro do Conselho Universitário da Unisinós (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁹ A Gestão Ambiental da Unisinós é feita pelo Verde Câmpus, equipe que coordena e promove as atividades relacionadas à preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental na Universidade. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁰ Em novembro de 2004, a Unisinós consagrou-se como a primeira universidade da América Latina a receber a certificação ISO 14001. Trata-se de uma certificação mundial, concedida a organizações comprometidas com o meio ambiente. O recebimento da ISO 14001 é um reconhecimento aos esforços do Verde Câmpus e de toda a Unisinós em preservar o meio ambiente e promover seu crescimento em harmonia com a natureza. (Nota do *IHU On-Line*)

Livro – *Nada dura para sempre*, de Sidney Sheldon.

Filme – *À espera de um milagre*, de Frank Darabont, e *Campo dos sonhos*, de Phil Alden Robison.

Um presente – Gosto mais de dar do que de receber presentes. Um presente que não tem erro, é o carinho e a atenção. Os bens materiais são importantes, porém uma mensagem ou um abraço me tocam mais.

Nas horas livres – Ficar em casa, tomando chimarrão e cozinhando no fogão a lenha, para meus amigos. Quando eu estou em casa, a minha esposa não vai para a cozinha. Adoro fazer uma comida especial para agradar a quem eu gosto.

Um sonho – A possibilidade de viver tranquilo, em paz, sem a preocupação com o que vai ser do dia de amanhã. Um sonho é poder dar para meus filhos a tranquilidade. É poder saber que, quando eu partir, meus filhos vão ficar bem, terão formação e um bom lugar para morar.

Momento marcante – O momento em que fui convidado por um casal de amigos para participar do Encontro de Casais com Cristo. Foi quando me despertou para tudo o que faço hoje em função da Igreja, do próximo, da solidariedade com as pessoas. Foram três dias em que consegui transformar minha vida, que me fizeram olhar e pensar diferente, que me ensinaram a contemplar a vida. É um fruto que até hoje estou colhendo.

Unisinos – É sinônimo de qualidade de vida. Tenho isso como certeza em função da natureza que temos aqui no câmpus e a preocupação da Universidade em mantê-la, para que as pessoas que por aqui circulam consigam ver, através do *habitat* natural, uma divindade. Infelizmente não temos, às vezes, muito tempo para contemplar o simples desabrochar de uma flor, que tem uma mensagem para nos passar. A Unisinos é um local de paz.

Instituto Humanitas Unisinos – É um setor muito importante dentro da Unisinos. O próprio nome já diz tudo: *humanitas*, que trabalha o lado humano da Universidade. O IHU abre o caminho para que possamos trabalhar o que está nos atormentando. O serviço de atendimento espiritual ajuda as pessoas que estão deprimidas, que precisam se fortalecer. O Humanitas é muito valioso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Sala de Leitura



“Gostaria de sugerir o livro ***O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos***, de Jacir de Freitas Faria (Petrópolis: Vozes, 2004, 190 páginas), como uma boa fonte de informação para aqueles que se interessam pela história do cristianismo. Neste livro, o Frei Franciscano Jacir de Freitas Faria analisa os textos dos evangelhos apócrifos de Pedro e Maria Madalena, descobertos no Egito em 1887 e 1945, respectivamente. O autor busca extrair destes textos mais informações sobre as personalidades destas duas importantes figuras do cristianismo, a primeira bem conhecida e a segunda, um tanto misteriosa. Os textos pertencem ao gnosticismo que foi uma forte corrente de pensamento que influenciou o cristianismo nos séculos I e II e que

depois se extinguiu quando o Império Romano escolheu um dos vários ramos do cristianismo da época como oficial”.

Prof. Dr. José Carlos Merino Mombach, graduado, mestre e doutor em Física, e professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos.



“Li recentemente o livro **Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil** cuja organizadora é Evelina Dagnino, Editora Paz e Terra, 364 páginas, 2002. Achei uma leitura interessante e instigante por tratar de forma contundente várias experiências da sociedade civil brasileira, realçando sua participação em diversos tipos de espaços públicos constituídos na última década. Os artigos estão em perfeita consonância, retratando as várias regiões do país incluindo uma vasta gama de atores, temáticas, inserções institucionais e formatos organizacionais. O livro instiga o leitor sobre as contribuições do campo da sociedade civil para o processo de construção democrática, avaliando seus avanços, contradições e desafios. É, sem dúvida, uma importante contribuição de como vem sendo articulado o processo de democratização no Brasil e na América Latina”.

Profª MS Maria Aparecida Marques da Rocha, mestre em Serviço Social, coordenadora do Serviço de Atenção ao Acadêmico da Unisinos e professora no Curso de Serviço Social da Universidade.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Híliana Reis (híliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaño (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (posorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS